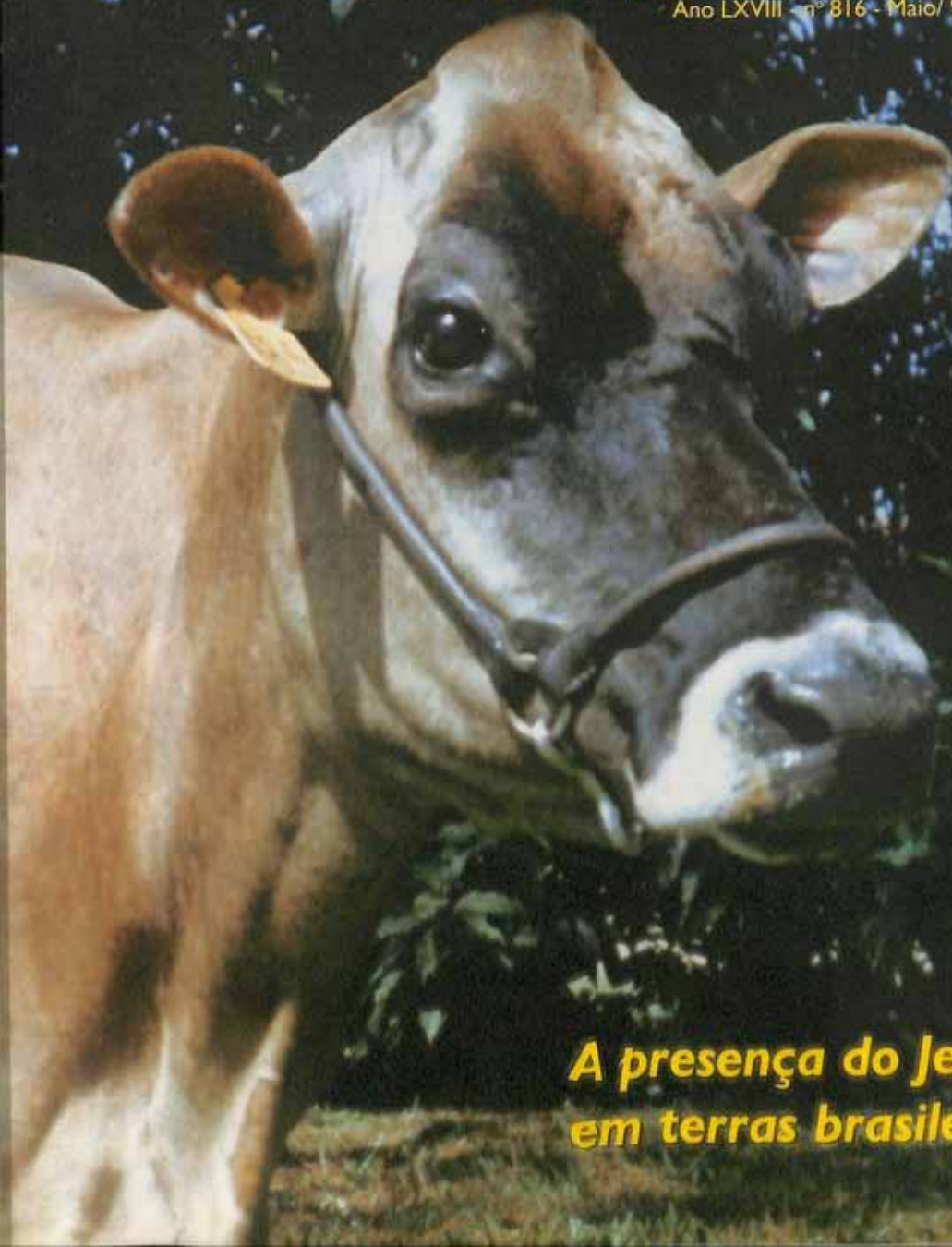


revista dos

Criadores

Órgão Oficial de Divulgação da Associação Brasileira de Criadores
Ano LXVIII - nº 816 - Maio/ 98 - R\$ 5,50



**A presença do Jersey
em terras brasileiras**

Ec-tox* CE 15%

Com uma única aplicação, *Ec-tox* CE 15%*, possibilita excelente efeito carrapaticida e mosquicida, eliminando sem piedade os principais ectoparasitas do rebanho.

Rápido, estável e de baixa toxicidade. Nunca erra o alvo. Controla os parasitas externos com eficiência e ainda repele e mata as moscas que transmitem bicheiras e bernes.

Além de tudo isso, *Ec-tox* CE 15%* tem estrela:

a qualidade Schering-Plough.



Chegou!

*O piretróide implacável da
Schering-Plough Veterinária.*



* Consultar o médico veterinário é indispensável para o uso correto de qualquer medicamento em seu rebanho.



Central
de Atendimento
0800-117788
Schering-Plough
Cx. Pórex 18388 - CEP 04699-470



Schering-Plough Veterinária
PESQUISA E QUALIDADE TOTAL

expediente

revista dos

Criadores

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Direção

Guilherme Monteiro Junqueira

Coordenação Geral

Maria Lúcia de Lacerda

Editora e Jornalista Responsável

Aída Bárbara (Mtb 13.091)

Editor-Assistente

César Dassie

Redação

José Augusto Padilha,
Luciana Barrichello, Raquel Novaes,
Tânia Galuzzi

Colaboradores

Elisabete Pereira Melo, Jamir Osvaldo
Kinoshita, Maria da Conceição Estellita
Vianni, Maurilio José Alvin, Milton de
Andrade Botrel

Departamento Comercial

Mª de Fátima Barros (011) 831-7982

Projeto Gráfico e Produção

Fracta Produções Visuais S/C Ltda.
(011) 5182-5881 / 5181-2027

Direção de Arte

José Marcos Caporrino
Ana Paula Caporrino

Impressão

Tammaro

Periodicidade

Mensal

Administração e Distribuição

Associação Brasileira de Criadores
Av. José Cesar de Oliveira, 181
11º andar - Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo - SP
Tels.: (011) 832-5967 / 832-9369 /
831-7982 / 261-8438
Telefax: (011) 831-2731
e-mail: abc@mandic.com.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Revista e são de responsabilidade de seus autores.

Autorizamos a transcrição de matérias aqui publicadas desde que sejam citados o nome e a edição da Revista dos Criadores.

sumário

6 - Jersey, uma raça de grande potencial



14 - Leite brasileiro e sua nova fase

28 - Pesquisas realizadas com pastagens coast-cross

30 - Uma raça que já está dando o que falar: Beefmaster



34 - Ranicultura: boa opção para pequenas propriedades

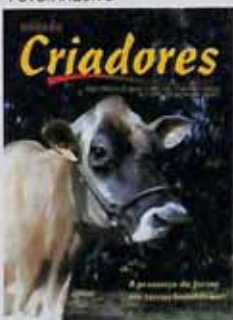
38 - Appaloosa, agradando a exigência brasileira

42 - Mastite, enfermidade multifatorial

44 - E a aftosa como está?

46 - Legislação ambiental e produção agrícola

FOTO: ARQUIVO



Grand Bell B. S. Bonnie, da Cabanha Huentala, campeã do ranking 1997 do SCL - 2x.

Eleições da ABC

No dia 29 de abril, realizaram-se as eleições para o Conselho Deliberativo da ABC. Na oportunidade, os 210 associados elegeram 10 conselheiros efetivos e 10 suplentes.

Conselheiros Efetivos

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Luís Alberto Moreira Ferreira
Nelson Luiz Baeta Neves
Maurício Lima Verde Guimarães
Virgílio de Almeida Penna
José Calil
Henrique Meimberg
Ney Soares Piegas
Arnoldus Hermanus Josef Wigman
Irineu de Andrade Monteiro

Conselheiros Suplentes

Cícero de Toledo Piza Filho
Luiz Rondon Teixeira de Magalhães
Edgardo Héctor Pérez
Gil de Souza Ramos
Antonio João de Camargo Júnior
Jair Martineli
José Matheus Granado
Cesário Ramalho da Silva
Agrício Cano de Arruda
Custódio Cabral de Almeida

Criadores: atenção com a aftosa

Os diversos segmentos da cadeia produtiva da carne bovina vêm, nos últimos anos, alcançando significativas marcas em seu processo de desenvolvimento, colocando o Brasil em um momento histórico de virada neste setor.

Dos pastos estão saindo, e cada vez mais sairão, animais novos, saudáveis, com carcaças de alta qualidade, processadas com avançada tecnologia, em modernas indústrias. A criatividade do segmento mercadológico pode desenvolver a imagem da "carne light", natural, transformação da matéria-prima "capim", privilégio do Brasil. Este é o produto que nosso mercado interno está pedindo e que o mundo está ávido para ter disponível.

Nesta cadeia, os criadores tem significativa parcela de responsabilidade, sejam eles criadores de bovinos, suínos, ovinos, como de qualquer outra espécie susceptível à AFTOSA.

Já com expressivos resultados obtidos na execução do "Programa Nacional de Controle da Febre Aftosa", por meio do esforço conjunto das entidades oficiais e da iniciativa privada, com a importante liderança de algumas entidades, como o Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC), Fundações de Desenvolvimento da Pecuária de alguns Estados, Secretarias de Defesa do MAA e órgãos de defesa das secretarias de Agricultura Estaduais, deveremos ter os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina declarados zona livre da doença pela Organização Internacional de Epizootias (OIE).

Esta luta deverá ser permanente e se estender para todos os Estados.

Daí a necessidade de mantermos nossos criadores, principalmente os pequenos, conscientes de suas responsabilidades e da importância dos cuidados sanitários nas suas criações. A ABC estará sempre à disposição dos companheiros de atividade para atendê-los em suas necessidades de informação ou orientação. E, lembrem-se, MAIO é mês de vacinação.


Presidente da Associação Brasileira de Criadores



Quadro Corporativo da Associação Brasileira de Criadores

(Ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos) Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958. Registrada no Ministério da Agricultura sob nº 35, com jurisdição nacional.

Diretoria

Presidente

Guilherme Monteiro Junqueira

Vice-Presidente

Rubens Malta de Souza Campos Filho

José Casilano Gomes dos Reis Junior

Edgardo Héctor Pérez

José de Castro Rodrigues Netto

Henrique de Souza Dias

Tesoureiro:

João Luiz de Freitas Brito

Conselho Deliberativo

Presidente

Vice-Presidente

Padro de Camargo Neto

Conselheiros Natos

José Bonifácio Coutinho Nogueira

Joaquim Barros Alcântara Filho

Manoel Hipólito Pereira de Queiroz Filho

Guilherme Monteiro Junqueira

Conselheiros Efetivos

Virgílio de Alameda Penna

General Diogo Branco Ribeiro

Roberto Rodrigues

João Francisco Costa Lima

Manoel José de Alcântara

Francisco José Ribeiro Junqueira

Nelson Luiz Baeta Neves

José Calli

Clarice Brito Soares

Carlos Alberto Julio Lohmann

Cícero de Toledo Piza Filho

Carlos Eduardo Vieira Ribeiro

Roberto Cano de Arruda

Suplentes

Fernando Euler Bueno

Luiz Glycério Gracie de Freitas

Arnaldo Lima

Fábio Paiva Garcia

Fernando Prado Rennó

Jolo Antonio Camarero

Gil de Souza Ramos

Agrício Cano de Arruda

Luiz Rondon Teixeira de Magalhães

Henrique Lamberti Junior

Conselho Fiscal

Gil de Souza Ramos

Vicente Martins Junior

Arnoldas Hermantas Josef Wigman

Conselho Técnico Deliberativo

Presidente

José Calli

Vice-Presidente

Manoel José de Alcântara

Secretário

Antonio Carlos Gouvêa

Conselheiros

Vanderlei Antunes - MAA

Fidelis Alves Neto

Osmany Junqueira Dias

Carlos do Amaral Cintra

Fernando Prado Rennó

Fernando Gomes de Castro Junior

Guilherme Lange Goulart

Departamentos

Departamento Jurídico

Luiz Rondon Teixeira de Magalhães

Departamento de Relações Internacionais

Rubens Malta de Souza Campos Filho

Edgardo Hector Perez

Departamento Técnico

Provas Zootécnicas

Cláudio Cícero Sabadini - Zootecnista

Departamento Administrativo

Maria Lucia de Lacerda

Comissão Regional do Rio de Janeiro

Presidente

Custódio Cabral de Almeida

Vice-Presidente

Eider Ribeiro Dantas Filho

PROGRAMA DE NUTRIÇÃO DE GADO LEITEIRO

CARRO CHEFE

O suplemento mineral vitamínico Bovigold é o carro chefe do Programa de Nutrição de Gado Leiteiro.

Conforme a situação, ele deve ser usado sozinho ou misturado com Boviprima, Bovipart ou Pré-Parto.



BEZERRAS
Concentrado para fabricação de rações para bezeros e bezerras a partir da primeira semana de vida. Formulado com fontes proteicas e energéticas, vitaminas, minerais e outros aditivos nobres, Boviprima proporciona aos animais jovens um crescimento vigoroso.



VACAS EM LACTAÇÃO
Suplemento mineral vitamínico com ação tamponante destinado a vacas que consomem quantidades expressivas de concentrados. Evita a acidificação do rúmen, previne problemas do casco e aumenta a imunidade da glândula mamária.



VACAS SECAS
Suplemento mineral vitamínico com equilíbrio aniônico indicado para vacas em final de gestação. Auxilia a prevenção de problemas que surgem depois do parto, como a hipocalcemia, retenção de placenta, mamite.



0800.116262

<http://www.tortuga.com.br>

O SUCESSO DO JERSEY NO BRASIL

Por César Dassie



Com alta capacidade produtiva, fácil adaptação e maior índice de componentes sólidos (cálcio, proteínas e sais minerais) no leite, a raça Jersey vem conquistando criadores brasileiros. Atualmente, o rebanho nacional soma cerca de 220.000 cabeças.

O ano de 1896 marcou a chegada ao País dos primeiros exemplares de gado Jersey. Sob a responsabilidade do agricultor gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil, vieram as vacas Fennel, com o bezerro Vitélio, e Sage, com a cria Vitória. Originários da Granja de Windsor, da rainha Vitória, da Inglaterra, esses animais deram início ao que se tem hoje como valiosos animais da raça leiteira mundial.

Para se ter uma idéia, o melhor rebanho genético do planeta concentrado numa só fazenda está localizado em Piracaiá, na Serra da Mantiqueira (SP). Trata-se da Nogueira Montanhês, de propriedade de Sueli Alves Nogueira, que mantém uma infra-estrutura auto-suficiente, desde a produção de ração, inclusive premix e fábrica de secagem de feno, até a comercialização do leite e derivados, como iogurte e queijo.

Além disso, é a única fazenda de Jersey no Brasil que possui mix total, o sistema mais avançado de alimentação de gado, que diminui custo de mão-de-obra, reduz o desperdício e aumenta a lactação em 15%.

Por tudo isso, a média de produtividade, em controle oficial da Associação Brasileira dos Criadores (ABC), atinge 22 kg/vaca/dia, sendo que o total das células somáticas chegou, em fevereiro, a 66.586, talvez o melhor valor de todas as fazendas do Brasil. Com um plantel de 570 animais, 230

em lactação, a fazenda está voltada para o desenvolvimento de melhores tipos e produção. Segundo Sueli, das maiores lactações da raça no Brasil estão na Nogueira Montanhês. Entre os exemplares de maior destaque estão a **Tops Wilma**, Bi Grande Campeã Nacional (1994-1997); a **Kitty Nogueira Montanhês**, Grande Campeã de crioula da própria fazenda; e a **Maikur Sooner**, Bicampeã do Torneio Brasileiro (1995-1996), produzindo 11.436 kg. em 305 dias. "Não há preço de venda para nenhuma delas", ressalta a proprietária.

Para atingir o alto nível genético,

a constituição do rebanho foi feita basicamente com vacas importadas dos Estados Unidos e Canadá, que, no passado, representavam 80% do plantel. Hoje, há maior concentração das crioulas, herdeiras de uma das genéticas mais evoluídas da raça Jersey. O trabalho é realizado em cima de 25 famílias de alta genética (tipo e produção), com transferência de embriões inclusive da **Kitty Nogueira Montanhês**.

Localizada na região montanhosa



Lote de animais Jersey, recebendo alimentação no cocho.



Tops Wilma, da **Nogueira Montanhês**, **Bi-Grande Campeã Nacional**.

da Serra da Mantiqueira, em Piracaiá (SP), a propriedade ganhou muito com a rusticidade do gado Jersey. Nesse sentido, Sueli aponta que a eficiência dos animais pode se resumir em leite com qualidade superior, alto índice de adaptação e ausência de problemas de cascos e reprodutivos. A experiência, agora, está centrada no trabalho com vacas jovens, que descarta o animal após a quarta lactação. "Com isso, diminuímos ainda mais os problemas que os animais possam apresentar."

Novos produtos

Mantendo uma produção de 4.500

kg de leite por dia, a marca da fazenda é conhecida na região de Piracaiá, Bragança Paulista, Atibaia e Perdões pela industrialização de leite tipo A, com 110 pontos de distribuição. A partir de maio, o laticínio Nogueira Montanhês iniciará a comercialização de queijos e iogurtes.

Este é apenas um exemplo de sucesso do Jersey em terras brasileiras, mostrando que o País tem potencial e condições para aumentar sua participação junto a essa raça. Desde 1993, o crescimento anual do rebanho brasileiro não esteve abaixo de 10%. Afinal, as próprias características do animal apresentam significativas vantagens aos criadores. A começar por sua adaptabilidade a climas e solos diferentes, mantém bom desempenho de Norte a Sul do Brasil, com capacidade produtiva em regiões quente ou fria, montanhosa acidentada ou plana. Outro fator admirável é a precocidade, caracterizada pela possibilidade de a vaca ter sua primeira cobertura aos 15 meses, o que permite parto e lactação aos dois anos de idade. Curtos intervalos entre partos, com praticamente uma cria por ano, e significativa longevidade, com produção normal de leite até os 15 anos, são mais dois aspectos relevantes da raça. Fora isso, é um animal extremamente dócil, podendo ser alimentado e acariciado até

por crianças. "É a vaca de leite que melhor se adapta às condições do Brasil", opina o proprietário da Fazenda Tucano, em Buri (SP), Vittorio A. Di San Marzano.

Criador há 16 anos, hoje com 96 vacas em lactação, média diária de 17,85 kg/vaca, optou pelo Jersey depois de estudar as características do animal e compará-las com a realidade nacional. Segundo ele, uma das maiores preocupações brasileiras está na qualidade da mão-de-obra, na maioria das vezes não adequada ao manejo leiteiro. Não fosse isso e a falta de apoio do governo, Marzano afirma que o País teria o mesmo patamar de competitividade. Para ele, se o pessoal for instruído, não haverá diferença. "Lá fora, existe a cultura do trabalho contínuo junto ao gado. Aqui, ora o funcionário é mecânico, ora ordenhador, ora pedreiro. Os animais precisam de cuidado e quem lida com eles precisa gostar do que faz."

Iniciando seu rebanho com importações da Inglaterra e Nova Zelândia, mais tarde Marzano conheceu melhor a genética canadense e tornou-se adepto às características dos exemplares daquele país. "É o local de origem que oferece excelentes produção e tipo."

Diante disso, e aproveitando a vantagem dos preços de terra oferecida pelo Canadá, estruturou o criatório Piedmont Jersey Inc., em Quebec. São 62 animais em lactação, com média diária de 26,3

kg/vaca, o que perfaz uma produção de 48.360 kg/mês. Mesmo sendo dono dessa fazenda, ele tem orgulho em dizer que, nos últimos oito anos, importou apenas um touro. "Temos possibilidades de gerar animais como no Canadá e Estados Unidos, com sêmen e matrizes compatíveis."

Em qualquer parte do mundo, a qualidade do leite Jersey apresenta superioridade comparada às demais raças. Com maior quantidade de sólidos não-gordurosos (proteína, lactose, vitaminas e minerais) e gordura, apresenta maior consistência e gosto mais forte. Um estudo da *Dairy Improvement Handbook*, National

DHIA, publicado no artigo "Jersey a Raça Eficiente", de Antonio C. Pinheiro Machado Jr., mostra que, quando comparado ao holandês, o leite Jersey apresenta 18% mais de proteína e 29% de gordura. Comparado a outras raças, contém uma média de 20% mais de cálcio. Em termos industriais, o rendimento é 12% superior ao das demais raças. "Um litro de leite Jersey faz mais queijo e derivados que o de qualquer outra raça – com 5 kg de leite se produz 1 kg de queijo", diz o vice-presidente da Associação dos Criadores de Gado Jersey no Brasil (Jersey Brasil), Enrico Salzano.

Vedete mundial

Por tudo isso, cada vez mais, os

FOTO: LAP / AMARAL



Nas três fotos, animais do plantel da Fazenda de Vitorio Di San Marzano.



FOTO: LAP / AMARAL

zenda Santa Izidora, de Jundiá (SP). É a Duncan Belle, que permanece no Canadá, na Fazenda Rapid Bay, na cidade de Ormstown, Estado de Quebec, e, de lá, espalha crias para todo o mundo. Com 11 anos de idade, ela é um dos animais que mais títulos recebeu como vaca de exposição. Sua maior lactação foi registrada aos seis anos: 9.539 kg, num acompanhamento de 305 dias, com duas ordenhas diárias (6,0-305-2x-9.539kg a 5,5%).

Em três anos de posse da Duncan Belle, seus criadores já computaram a comercialização de aproximadamente 40 embriões, entregues para a Austrália, o Equador, a Argentina, os Estados Unidos, entre outros países. De acordo com o veterinário Roberto Vicente Lopes, essa preciosidade da raça Jersey continua no Canadá, pois, no Brasil, a exportação seria impossível. É que no País ainda não existe o teste de progênie, que atesta a linhagem do animal. Segundo a superintendente Técnica da Jersey Brasil, Maria Giselda Moraes Mendonça, há uma movimentação do Ministério da Agricultura, juntamente com as centrais de sêmen e associações de gado leiteiro, no sentido de introduzi-lo no País. "Quando isso ocorrer, o rebanho brasileiro ganhará força internacional com a exportação de sêmen ou de embrião com genética reconhecida."

E o Brasil não pode mais ficar fora desse mercado. Dados da *Revista Jersey Journal* - EUA, que comparou o desempenho da raça de 1985 a 1996, revelaram que a venda de sêmen de Jersey no mundo cresceu 750% nesse período. Isso significa um resultado quase triplo do registrado com o Holandês, que mostrou um aumento de 230%. Mais uma prova de que o rebanho nacional tem condições de competir lado a lado com animais estrangeiros está na Estância Vale do Parateí, localizada em Jacareí (SP). Lá, estão os recordes brasileiros de produtividade leiteira: a Renegade Sleepy

Cherrio, Campeã Vaca Adulta, com média de 56.200 kg/dia; a Caciana Knight do Parateí, Reservada Campeã Vaca Adulta, com 54.800 kg/dia; e Cristal do Parateí, Campeã Novilha Dois Anos, com 37.500 kg/dia. De acordo com o proprietário da fazenda,



Caciana Knight do Parateí: 54.000kg/dia, 2º lugar no Torneio Leiteiro Vaca Adulta.

Manoel Augusto Dinis Pereira, para se alcançar tais resultados é necessário, acima de tudo, dedicação. "Costumo dizer que vaca não dá leite, vaca produz leite. Por isso, o dono precisa acompanhar cada animal."

Com um plantel de 160 fêmeas, com 60 em lactação, a Vale do Parateí consegue uma média de 1.000 litros/dia. Do Ranking de Controle Leiteiro (lactações 1997), divulgado em março pela *Revista dos Criadores*, das 20 maiores lactações (3 ordenhas - até 305 dias em lactação), 10 são de posse de Pereira.

Explosão genética

Toda essa performance dos animais da Vale do Parateí, assim como os índices de produtividade alcançados pelos criadores brasileiros, está intimamente relacionada à melhoria genética da raça. Nesse sentido, a década de 90 pode ficar conhecida como a que possui os maiores resultados. Foi durante esse período que a média lactação por cabeça saltou de 3.388 kg (1988) para 5.060 kg (1997), em 305 dias. Com isso, o Brasil obtém de 12 a 18 litros por vaca/dia, existindo vários plantéis que apresentam média de 21 litros/vaca/dia.

Além disso, nos últimos seis anos,

o gado Jersey vem aumentando sua participação com um crescimento de 4,1% ao ano, contra 1,4% das outras raças. "Assim, comparada ao restante do mundo, a criação de Jersey no Brasil é bastante significativa e otimista, principalmente se considerarmos que,

desde sua chegada ao País, não houve estagnação. Não é à toa que muitos juizes norte-americanos afirmam que aqui se encontra o melhor 'banco genético' do mundo", comenta o presidente da Associação dos Criadores de Gado Jersey de Minas Gerais (Jersey - MG), Gabriel Marques Rodrigues.

Com 1.200 criadores, 800 cadastrados, e um total de 17.500 animais, o Estado concentra um dos maiores rebanhos do País. O clima temperado, a regularidade das chuvas, a demanda da produção leiteira e a boa produção de alimentos

fazem de Minas uma região favorável para a criação do Jersey. Sua principal vaca é a Potwells Junos Belle, importada do Canadá, de propriedade de Flávio Batista Noronha Guarani e Huguette Guarani. Em 1996, ela foi a Suprema Campeã de todas as raças, que julgou as campeãs leiteiras estaduais da Holandesa, Pardo Suço, Girolando e Jersey.

Outro destaque Jersey em Minas Gerais está na Cabanha Huentala, em Pouso Alegre. Trata-se da vaca Grand Bell B.S. Bonnie, também canadense,

FOTO: PATTY JONES



Potwells Junos Belle, fêmea do plantel de Minas Gerais.



Grand Bell B. S. Bonnie,
do criador **Edgardo H. Pérez.**

pertencente ao criador Edgardo Héctor Pérez e filhos, 1ª colocada no ranking de 1997 SCL (Serviço de Controle Leiteiro) oficial da ABC, na categoria duas ordenhas, tanto em 305 como 365 dias, com um peso oficial de 8.266 e 9.106 kg.

Berço da introdução do Jersey no Brasil, o Estado do Rio Grande do Sul conta com uma estimativa de 2.500 criadores, 350 registrados, apresentando, nos rebanhos selecionados, uma produtividade média de 4.500 litros por vaca/ano. Na organização de todos os dados do setor, a Associação dos Criadores de Gado Jersey do Rio Grande do Sul (Jersey-RS) está comemorando seus 50 anos de fundação, que

O gargalo da difusão

Também otimista com a raça, o presidente do Conselho Técnico da entidade, Carlos Guilherme Rheingantz, ressalta que a imprensa especializada dos Estados Unidos considera o Jersey como a 'Raça do Próximo Milênio'. "No Brasil, a expectativa é

ainda maior." Para ele, a entrada de animais de excelente valor zootécnico, aliada às excepcionais linhagens já existentes, fizeram com que o rebanho nacional desse um grande salto de qualidade. "A tecnologia atual de reprodução permitirá a rápida multiplicação das vacas identificadas como melhores e, em breve, os leiteiros poderão usufruir dessas verdadeiras 'fábricas de leite'."

Rheingantz esclarece que, em termos genéticos, o Brasil está entre os três principais países do mundo. Mas alerta: "No que se refere à difusão, ainda há um longo caminho a percorrer". Nesse sentido, recomenda que a estrutura das associações deverá ser reformulada, valorizando seus conselhos técnicos e a seção de registros genealógicos e deixando a área técnica independente da político-social. "Isso é difícil de ser reconhecido pelas diretorias, mas de pouco adianta a entrada e permanência de animais superiores se as normas e regulamento de seleção, e a própria seleção, forem manipuladas por leigos. Assim, embora evoluídos geneticamente, estamos muito atrasados na área técnica."

Com o intuito de fomentar a raça no Rio de Janeiro, a Jersey-Rio iniciou, em julho do ano passado, um programa de doação de tourinhos. Nesse trabalho, são entregues animais origi-

nários dos grandes criatórios do Estado, produtos de inseminação artificial, com comprovada capacidade genética para melhoramento de rebanhos puros ou mestiços. Aos fluminenses, donos de um plantel de 3.000 cabeças, a alta capacidade de adaptação do Jersey a climas e relevos diferentes é essencial para os 322 criadores daquele Estado.

De acordo com a vice-presidente da Jersey-Rio, Flávia Araripe, a entidade tem trilhado um longo caminho desde a sua fundação, em 1990. O início nos parques de exposições foi tímido, ocupando no máximo 30 argolas. No mês de maio foi realizada no Parque Rural Rio, em Santa Cruz, a 1ª ranqueada de 1998, que limitou as inscrições em 120 argolas. "Com os esforços de divulgação da raça, recebemos cerca de três novos associados por mês. E é com satisfação que vimos que são ex-criadores de outras raças, que encontraram bom resultado financeiro com o Jersey."

Sem um levantamento oficial da situação da raça em Goiás, o presidente da Jersey-GO, Daniel Rinaldo Vale Galli, diz que o Estado possui terras férteis e planas como principal vantagem para a criação do Jersey. Atualmente, cerca de 1.500 criadores orientam suas linhagens de acordo com o sistema implantado na propriedade (confinamento ou a pasto). "Dentro do panorama da produção leiteira, o Jersey apresenta uma tendência cada vez maior de crescimento, principalmente por ser barato trabalhar com a raça."



Premiação de um animal do
Plantel do Rio Grande do Sul, estado
que conta com 350 criadores registrados.

teve como primeira presidenta Joaquina "Quinquinha" de Assis Brasil, filha do diplomata Joaquim Francisco de Assis Brasil, responsável por trazer ao País o primeiro lote da raça.

Crescimento do rebanho

Jersey no Brasil

1993/1994	- 10,4%
1994/1995	- 10,8%
1995/1996	- 11,2%
1996/1997	- 10,6%

O Jersey ideal

Dos pés à cabeça, vários aspectos determinam o perfil do animal perfeito. Confira, segundo o trabalho "Jersey a Raça Eficiente", de Antonio C. Pinheiro Machado Jr., publicado na *Revista Raça Jersey*, as características que parte da vaca deve apresentar para que ela seja considerada ideal.

Cabeça: de comprimento moderado, com fronte ligeiramente côncava. Olhos vivos e proeminentes, mas não muito "saltados". Focinho amplo, com orifícios nasais grandes e abertos. Mandíbulas fortes e lábios musculosos.

Pescoço: moderadamente comprido, confundindo-se com os ombros e unindo-se suavemente com a cruz. Garganta livre do excesso de carnes. Um pescoço tosco e pesado é uma indicação de falta de feminilidade e de temperamento leiteiro. A traquéia deve ser grande e ligada a um peito bem desenvolvido.

Patas anteriores: vistas de frente, deve-se observar uma linha vertical desde o ombro até o casco. Bem separadas, para dar um amplo espaço ao peito.

Patas posteriores: de perfil, devem ser relativamente retas, com moderada "curva" nos jarretes (curvilhões). A ausência completa dessa curva é indicação de indesejável rigidez.

Anca (garupa): comprida, quase nivelada e larga na altura dos flios e isquios. Essa característica se correlaciona com um úbere grande, nivelado e largo.

Ísquios e flios: a distância entre eles se relaciona com o tamanho e forma do úbere. O parto é facilitado se os ossos são mais separados, principalmente os isquios.

Barril: Para ser boa produtora, a vaca deve ter grande capacidade corporal. Dorso reto, liso, livre de



gorduras na cruz (cernelha). As vértebras precisam ser proeminentes.

Tórax: peito profundo e amplo, para bem acomodar o coração e os pulmões. Uma união suave com os ombros é desejável. A primeira costela deve apresentar uma certa mobilidade.

Costelas: devem ser largas e planas, indicando resistência dos ossos; necessitam estar inseridas na coluna com suficiente elasticidade e certa oscilação. Uma novilha com uma ampla separação entre as costelas desenvolve, quando adulta, um úbere grande capacidade.

Patas: curtas, compactas e redondas, com um ângulo médio ao redor de 45°. Uma boa vaca leiteira tem de ser apta a caminhar muito. Devido às condições modernas de manejo, ela passa boa parte de seu tempo sobre piso de concreto.

Úbere posterior: inserção firme, alta e ampla. Úberes flácidos, pendentes são difíceis de ordenhar e estão dispostos a um maior número de traumatismos e contaminações.

Ligamentos: do úbere, tanto de seus quartos anteriores quanto posteriores, têm de se ligar continuamente com o corpo do animal, sem nenhuma interrupção. Um úbere de boa qualidade é pregueado, macio, de boa textura e descarnado.

Tetos e piso do úbere: observando o úbere por baixo, os tetos devem ser uniformes em tamanho e forma, situados no centro de cada quarto. Visto de lado, o úbere tem de apresentar uma aparência simétrica, livre de separação ou fendas entre os quartos anteriores e posteriores. Por trás, é ideal uma separação bem diferenciada entre as metades direita e esquerda, o que indica um ligamento central forte. O piso do úbere deve estar acima das pontas dos curvilhões.



Um animal de raça e história

Ilha de Jersey, no Canal da Mancha. Este é o local originário do Jersey. Lá, o gado foi cruzado entre si e, até hoje, não se permite a entrada de animais de outros lugares, com o intuito de se conservar suas características. Os olhos saltados, estereótipo do fenótipo da raça, são um herança da deficiência de minerais, típica daquela ilha.

Apesar do sangue europeu, os dois grandes rivais em quantidade e qualidade desses animais estão na América do Norte: os Estados Unidos e o Canadá. Enquanto o primeiro privilegia a produção, o segundo dá preferência ao tipo. São os dois maiores exportadores mundiais de sêmen, sendo que, atualmente, o melhor touro está em poder dos EUA, o Berreta. Uma dose de seu sêmen custa, aproximadamente, US\$ 60,00.

No Brasil, o Jersey chegou em 1896, pelas mãos do gaúcho Joaquim Francisco de Assis Brasil. O primeiro lote, as vacas Fennel e Sage, cada uma com uma cria, veio da Granja de Windsor, da rainha



Vacas da Ilha de Jersey criadas em pasto nativo.

na Vitória, da Inglaterra. De lá para cá, muitas histórias peculiares se desenvolveram sobre a criação de um gado que, até meados deste século, nem era mencionado nas disciplinas de raças leiteiras das faculdades de Agronomia. Como Estado-berço do Jersey, o Rio Grande do Sul também foi o responsável por realizar a primeira importação do Canadá, pelo médico veterinário e diretor geral da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, Elton Adão Butieres.

Hoje, com os trabalhos de melhoramento genético e uma política efetiva de fomento, o País conta com importantes criatórios em nível mundial. Afinal, é aqui que se encontra a maior concentração genética da raça em uma só fazenda, a Nogueira Montanhês, de Piracaia (SP). É daqui, também, o dono da melhor vaca do mundo, a Duncan Belle, de propriedade de Olga Amato e Renato Duprat Filho, da Fazenda Santa Izidora.

Datas importantes

- 1896** – Chegada dos primeiros animais Jersey no Brasil, em Alegrete (RS), importados por Joaquim Francisco de Assis Brasil.
- 1909** – Registrado o primeiro animal pela Secretaria Estadual da Agricultura do Rio Grande do Sul. O número 001 foi dado ao macho General Roca, filho do touro Vitêljo.
- 1930** – Oficialização da raça Jersey pelo Ministério da Agricultura.
- 1938** – Fundação da Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil (ACGJB), com sede no Rio de Janeiro.
- 1950** – Primeira importação do Canadá, por Elton Adão Butieres.
- 1974** – Transferência da sede ACGJB para São Paulo.
- 1992** – Iniciou-se o processo de descentralização e racionalização administrativa da ACGJB, na gestão do Dr. Edgardo Héctor Pérez, dando às delegadas mais autonomia e poder de decisão. ☞

Se o seu negócio tem alguma coisa a ver com essa estrada, anote um endereço:

www.uol.com.br/ruralbusiness

Informação. É tudo o que você precisa para fechar um bom negócio. Principalmente no campo, onde as cotações do mercado mudam a cada dia. Mas se você é usuário da Internet, não tem problema. É só acessar o site da Rural Business. Agricultura, suinocultura, avicultura e pecuária de corte e de leite, tudo atualizado diariamente e com informações e análises feitas por quem realmente entende dos mercados. Sem falar que a Rural Business é mais uma das grandes portadas do Universo Online, sempre atento ao que você precisa. Não esqueça: na estrada do futuro, Rural Business, o endereço certo.



RURAL
business
O novo Brasil Rural.


**UNIVERSO
ONLINE**
www.uol.com.br

Sinal verde para o leite

Depois de meses de sufoco, o setor de leite passa por uma nova fase, graças a algumas medidas adotadas pelo governo, visando a resguardar o produto nacional. Para uma análise, a Revista dos Criadores entrevistou os especialistas Teixeira Gomes, Rubez e Carvalho.



Jorge Rubez, presidente da Associação Brasileira de Produtores - Leite Brasil.

Os ventos estão soprando a favor do leite brasileiro, que viveu um dos momentos mais críticos da sua história desde o segundo semestre do ano passado até fevereiro de 1998, quando foram adotadas novas regras visando a moralizar o setor e desestimular as compras externas. Depois de aumentar a alíquota do Imposto de Importação para 33%, o governo anunciou a redução do prazo de financiamento de produtos lácteos para 30 dias. Resultado: os primeiros sinais de recuperação começaram a aparecer.

Na opinião do engenheiro-agrônomo, especialista em Economia e professor titular da Universidade de Viçosa (MG), Sebastião Teixeira Gomes, essas duas medidas, divulgadas nos dias 19 e 20 de fevereiro, mudaram completamente o mercado, acenando com um quadro animador, tanto para o pecuarista como para a indústria. E os reflexos positivos estão aparecendo diretamente no bolso do produtor. "Desde março, ninguém mais, nem laticínio nem cooperativa, paga leite excesso. Todo o produto, mesmo o que ultrapassa a cota, está com o mesmo nível de preço", observa, acrescentando que a nova situação sinaliza com a moralização do mercado.

Por sua vez, o presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados no Estado de São Paulo (Sindileite), Carlos Humberto Mendes Carvalho, concorda com Teixeira quanto à situação crítica pela qual passou o setor: "De novembro a fevereiro, os preços do produto atingiram os índices mais baixos registrados até hoje". No entanto, para ele, o que norteou a recente valorização ao produtor foi outro motivo: a entressafra. De qualquer forma, ele aposta no aquecimento do mercado. "Graças ao aumento, em torno de 5%, a recuperação da produção nacional deve acontecer a partir do segundo semestre."



Carvalho, que também preside o Conil - Conselho Nacional da Indústria de Laticínios, entidade que engloba sindicatos e associações afins, acredita que a tendência natural é diminuir o interesse em importar, em razão das novas regras. "O reflexo positivo deve aparecer a partir de maio, uma vez que o mercado tende a ficar mais firme."

Em 1997, o Brasil produziu 20 bilhões de litros de leite. No mesmo período, importou o equivalente a 1,80 bilhão de litros. Mesmo representando apenas 9% da produção do País, as importações exerceram uma forte pressão para reduzir o preço, com graves implicações para todo o segmento produtivo, em especial para os criadores menos eficientes.

Tabela 1

CONSUMO PER CAPITA ANUAL*	
Ano	litros/habitante
1994	110,81
1995	134,09
1996	135,94
1997	138,36

* O consumo recomendado pela Organização Mundial da Saúde é 236 litros/ano.
Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Incremento

Mas nem por isso o segmento deixou de crescer nos últimos anos. De acordo com Teixeira, nos últimos três anos, a produção do leite/Brasil cresceu em média 8% ao ano, enquanto a taxa histórica de crescimento da produção até o Plano Real era de 3% ao ano. "Em meados do ano passado, o mercado começou a cair em função das importações subsidiadas, dos elevados prazos de pagamento, do grande aumento de oferta interna e da demanda do leite, muito sensível às mudanças de renda ocasionadas pela restrição do dinheiro."

Na opinião do presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Leite - Leite Brasil -, Jorge Rubez, as compras externas tinham como principal objetivo fazer capital de giro. "Quem trazia leite queria mais usufruir os benefícios proporcionados pelos longos prazos de pagamento que variavam de 365 a 500 dias, do que suprir a falta do produto", desabafa, explicando que atualmente existe um equilíbrio de oferta durante a safra e da cressafra; em função da tecnologia e da profissionalização do setor.

O quadro agora é outro. Não existe mais o longo prazo de financiamento das importações e a demanda doméstica continua crescendo. Isso faz vislumbrar preços mais elevados aos produtores que os praticados no segundo semestre de 1997 e nos três primeiros meses de 1998, afirma Teixeira Gomes. Com certeza, as compras para completar o abastecimento interno continuarão ao longo do ano, porém com preços bem mais elevados, em função das medidas adotadas pelo governo brasileiro.

Outro aspecto apontado pelo especialista diz respeito à interpretação do mercado. "Temos dois 'brasis'. De um lado está um grande número de produtores, com pouco rendimento em litros, e, de outro, uma pequena elite que responde por quase todo o abastecimento. Trocando em miúdos, no País, os fornecedores com 50 litros de leite por dia correspondem a 50% do número total, representando apenas 10% da produção. No outro extremo estão as

propriedades com mais de 200 litros por dia, o que significa 50% do volume nacional, segundo pesquisa realizada pelo professor Teixeira Gomes. "A situação melhorou, principalmente para o segundo grupo, que é exatamente quem puxa a produção", esclarece. Pela análise do presidente da Leite Brasil, 40% dos criatórios com alta tecnologia garantem 88% da produção, enquanto 60%, considerados pequenos, contribuem com 12%.

Segundo Rubez, os Estados Unidos, maior produtor mundial, com 70 bilhões de litros/ano, possui somente 100 mil criatórios. Um paradoxo, se compararmos com os números do Brasil: 1,4 milhão de propriedades agrícolas leiteiras respondem pelos 20 bilhões de litros/ano. "Do total de criadores nacionais, somente 400 mil são "sifados", mas, não se pode negar a força dos produtores, que geram dois milhões de empregos; e nós não usamos essa força de pressão", afirma, acrescentando que 40% da produção é informal, ou seja, não passa por fiscalização. A exemplo dos EUA, a Argentina tem 25 mil propriedades, que em 1997 renderam 9 bilhões de litros de leite, gerando um excedente correspondente a 2 bilhões de litros.

De acordo com Teixeira Gomes, nos últimos três anos, a produção de leite no Brasil cresceu em média 1,4 bilhão de litros por ano. Tal incremento corresponde a 3,3 vezes mais que o aumento anual da Argentina nesse período, que foi de 0,42 bilhão. Enquanto Teixeira Gomes prevê um crescimento de produção entre 5% e 7% em 1998, o presidente da Leite Brasil espera um incremento de 6% a 7%, um

resultado semelhante ao patamar de 1996, quando o segmento contabilizou um saldo positivo.

A rota do leite

Para Rubez, o futuro do leite no Brasil é uma incógnita, uma vez que o produto está ligado às questões socioeconômicas. "O País enfrenta um sério problema: 40 milhões de brasileiros não consomem o artigo porque não têm condições", reclama. Desde o início do Plano Real, o consumo per capita de leite vem aumentando. De 100,81 litros/habitante/ano em 1994, passou para 138,36 litros/habitante/ano em 1997, mas ainda deve crescer muito para chegar ao número ideal, sugerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que recomenda 236 litros/habitante/ano.

Com relação à produção, Minas Gerais é o maior produtor nacional, com 5 bilhões de litros anuais. A seguir, São Paulo, com 2,1 bilhões de litros/ano, e Goiás, com 2,05 bilhões de litros/ano, brigam pela segunda posição. Dados da Leite Brasil dão conta de que o Estado goiano está mudando a sua feição. De tradicional pecuarista, está apostando na diversificação, agora como produtor de leite. Para se ter uma idéia da mudança, em 1996, cresceu 27% e a previsão para 1998 é de 12%.

Segundo Rubez, o gado de sangue Holandês e suas cruzas com raças indianas é a base do plantel leiteiro do Brasil, maior mercado da América Latina. O bovino Jersey, segundo maior rebanho mundial e o melhor em termos de qualidade, é a segunda fonte.

Quanto ao consumo, São Paulo e

Tabela 2

CONSUMO BRASILEIRO (PRODUÇÃO/IMPORTAÇÕES)

Ano	Produção bilhões/litros	Importações* bilhões/litros
1994	15,78	1,25
1995	17,69	3,02
1996	19,02	2,45
1997	20,00	1,08

Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística * Leite fluido/Creme de leite

Grande São Paulo absorvem a maior parte da produção nacional, seguido pelo interior. São José dos Campos é a mais importante bacia leiteira paulista, seguida, pela ordem, pelas regiões de Ribeirão Preto, Vale do Paraíba e Campinas. Grande importador, esse Estado compra 70% da produção de Minas Gerais, que concentra a atividade especialmente no Sul, além do Triângulo Mineiro e da Zona da Mata, com menor participação. Enquanto isso, Goiás exporta seu excedente, algo em torno de 90%.

Quem compra mais

Segundo estudo publicado pela Revista Leite Brasil, órgão oficial da Associação Brasileira dos Produtores de Leite, edição de outubro de 1997, dez grandes nomes do mercado absorveram 54% da produção nacional em 1996. São elas as multinacionais como a Nestlé, Parmalat, Fleischmann Royal e Danone, as empresas privadas Elegê e o Grupo Vigor, além das cooperativas Paulista, Itambé, CCPL e Batavo/Agromilk.

Pelo balanço, a Nestlé foi a maior captadora de leite no período, com 1.432 bilhão de litros, oriundos de 39.200 produtores. Com 34% a menos que a primeira colocada, a Parmalat comprou 1.068 bilhão de litros, provenientes de 35.846 criatórios. Bem próximo do segundo maior comprador, com 1.059 bilhão de litros, vindos de 25.404 mil propriedades, a Leite Paulista (Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo - CCL - SP) ocupou a terceira posição.

Em 1977, a Leite Paulista adquiriu

Tabela 3

IMPORTAÇÕES DE LEITE (FLUIDO E CREME) EM 1997

Origem	Dólar	Quantidade/kg	%
Mercosul	56.772.993	123.947.455	99,73
União Européia	675.281	325.422	0,26
Nafta	5.825	4.814	0,01
Total	57.454.099	124.277.691	100,00

Elaboração: Terra Viva Empreendimentos Consultoria Empresarial Ltda. Dados: SRF/CIEF

IMPORTAÇÕES DE LEITE EM PÓ EM 1997

Local	Dólar FOB	Quantidade/kg	%
Mercosul	189.497.573	84.654.125	57,74
Oceania	57.562.533	34.978.208	23,86
União Européia	35.677.098	24.743.467	16,88
Nafta	1.676.480	928.552	0,63
Europa Oriental	841.942	449.950	0,31

Elaboração: Terra Viva Empreendimentos Consultoria Empresarial Ltda. Dados: SRF/CIEF

1.08 bilhão de litros. De acordo com o diretor-geral, Mauri Rodrigues, 672 milhões de litros foram transferidos e processados nas unidades industriais da CCL-SP. De acordo com ele, o volume produzido pelo Sistema Paulista (Cooperativa Central e associadas), que em dezembro do ano passado contava 24.500 fornecedores ativos, representou 5,4% da produção nacional de leite. Seu faturamento bruto foi de R\$ 1,1 bilhão, sendo R\$ 656 milhões provenientes da CCL-SP. No período, a entidade investiu US\$ 25 milhões no setor industrial e pretende utilizar recursos de US\$ 10 milhões em 1998.

Pelo estudo da Leite Brasil, coube à mineira Itambé (Cooperativa Central de Produtores Rurais), que faturou R\$ 550 milhões, o quarto melhor resultado de 1996. Ela absorveu 740 milhões

de litros, vindos de 20 mil produtores. A seguir, a gaúcha Elegê, com uma captação de 670 milhões de litros, oriundos de 43.960 fornecedores, número indicativo de baixa produtividade.

Para estimular o setor, Rubenz diz que o Brasil não deve importar porque inibe o emprego interno e o estimula lá fora. Além disso, ele recomenda proibir a entrada de produtos que não apresentem condições ideais para consumo. Nesse sentido, o presidente da Leite Brasil explica que existe uma luta para a implantação de normas de qualidade. "Hoje, temos um bom produto, mas precisamos chegar aos padrões internacionais ditados pela Organização Mundial do Comércio (OMC). Enquanto trabalhamos para conseguir um artigo similar ao dos concorrentes, eles melhoram os seus produtos." ▽



Livre-se do carrapato com Acatak.
O maior período de proteção do mercado.

Elimina todas as cepas • O único que age tanto no animal como na pastagem • Ação prolongada • mais de 2 meses de proteção.

Acatak
Pour-on

NOVARTIS

A revolução no controle do carrapato.

(011) 532-7332

TODA A CADEIA PRODUTIVA DO LEITE REUNIDA NUM SÓ LOCAL

EXPO
LEITE 98



De 27 a 31 de Maio/98

Parque Assis Brasil Esteio - RS - Brasil

**PARTICIPE DO MAIOR ESPAÇO DE NEGOCIAÇÃO
AGRO-INDUSTRIAL E AGRO-PECUÁRIO DO MERCOSUL**

RESERVE JÁ SUA ÁREA ATRAVÉS DOS FONES:



DE SUCESSO EM FEIRAS 226.1679 / 226.1196 / 226.0409
Rua Lopo Gonçalves, 323 - CEP 90050-350 - POA/RS

(051) 226.0409

226.1196

226.1679

PROMOÇÃO



R. Veríssimo Rosa, 320
CEP 90610-280
Porto Alegre/RS



SECRETARIA DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

APOIO



Ministério de Agricultura e do Abastecimento



Associação Gaúcha de Laticínios



Sindicato de Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Estado do Rio Grande do Sul

G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos

RO 3/0 305 3699 189.0L/M 5.1 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
RO 2/8 305 2510 120.0L/M 4.6 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR

CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos

RO 3/1 305 3245 163.0L/M 5.0 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
RO 3/2 305 3664 156.0L/M 5.1 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR
PCD 3/3 305 2228 99.0 4.4 ANTONIO JOSE LUIZ DO COSTA

CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos

RO 4/0 305 5546 248.0L/M 4.5 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE

CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos

PCD 4/8 305 5645 295.0L/M 5.2 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR
RO 4/11 305 4761 241.0L/M 5.1 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
PCD 5/0 262 1514 66.0 4.4 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR

CLASSE D - de 5 a 6 anos

RO 5/4 305 3088 166.0L/M 5.4 RENATO GUIMARAES SPERTEIRO
RO 5/10 290 2807 126.0 4.5 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR

CLASSE E - de 6 a 7 anos

RO 6/6 305 6722 302.0L/M 4.5 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
RO 6/4 305 4810 218.0L/M 4.5 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE

NOME DO ANIMAL G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

ALERCILINA RO 6/1 305 3702 208.0L/M 5.6 RENATO GUIMARAES SPERTEIRO
CARINACIADOS POCEES RO 6/7 290 3385 155.0 4.6 ANTONIO JOSE LUIZ DO COSTA
MARAVILHACIADOS ATAMARU RO 6/4 305 3347 184.0L/M 5.5 RENATO GUIMARAES SPERTEIRO
ESPONATE PATI DA CALDOLANDIA RO 6/4 305 3245 178.0L/M 5.5 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR
ESMERALDA J.C. 19 RO 6/1 294 3054 127.0 4.2 JORGE AGOSTINHO GALL
DUQUESALC. 0018 RO 6/9 258 2409 107.0 4.4 JORGE AGOSTINHO GALL

CLASSE F - de 7 a 8 anos

CA. LUCETIANA RO 7/6 305 4658 264.0L/M 4.5 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
CA. LUCIA RO 7/4 305 4029 201.0L/M 5.0 ANTONIO JOSE LUIZ DO COSTA
CA. LAIANDA RO 7/9 305 4066 201.0L/M 4.4 LUZANTONIO DO AMARAL JORGE
CABANA J.C. 13 RO 7/8 298 3346 141.0 4.2 JORGE AGOSTINHO GALL
DAMAZA FERTEIRA RO 7/6 294 2758 142.0 5.1 HELIO DAS SANTOS DUARTE
FRANIELA PCD 7/2 280 2582 105.0 4.1 CARLOS ALBERTO POMPEO CAMPOS FREIRE
CA. JIANARA PCD 7/9 305 2454 114.0L/M 4.6 ANTONIO JOSE LUIZ DO COSTA

CLASSE G - de 8 a 10 anos

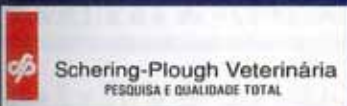
CERTIZARA POSSO DA CALDOLANDIA RO 8/9 305 6891 336.0L/M 5.4 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR
CA. JERDA 2708 PCD 8/2 372 3004 95.0 3.1 ANTONIO JOSE LUIZ DO COSTA
CANHEIIRA DE BRASIA PCD 8/10 305 2620 109.0L/M 4.2 CARLOS ALBERTO POMPEO CAMPOS FREIRE
TONHA J.C. 06 RO 9/6 288 2803 115.0 4.4 JORGE AGOSTINHO GALL

CLASSE H - mais de 10 anos

MARAVILHAQUITANDA MESTRO RO 14/0 305 4091 207.0L/M 5.1 RENATO GUIMARAES SPERTEIRO
BINOCA DE BRASIA RO 13/9 269 2653 77.0 3.8 CARLOS ALBERTO POMPEO CAMPOS FREIRE
ACABELA S. PADUA CAL RO 10/6 291 2036 108.0 5.2 GABRIEL DONATO DE ANDRADE GR

Resultados das Lactações Terminadas

Março /98 - A.B.C./S.C.L. - Diagnose
11 Divisão - Até 365 dias



G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

RAÇA: HOLANDESA

VARIEDADE UNIFICADA Nº Ords.: 2x



CLASSE AA - até 2 anos

RO 0/0 391 7824 361.0 3.8 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/0 365 7615 307.0 4.0 FAZENDA PARASOLTA
RO 1/11 365 7013 295.0 4.2 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/0 337 5801 194.0 3.3 HAROLDORICETO FILHO-FAZ SANTIAGUE
RO 2/0 365 5322 211.0 4.0 PECUARIA ANHEMBASOLTA

CLASSE AJ - de 2 a 2 1/2 anos

RO 2/4 365 11872 343.0 2.9 LUZANTONIO PFLER
RO 2/4 365 11065 296.0 3.6 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/2 365 9218 318.0 3.4 PECUARIA ANHEMBASOLTA
RO 2/3 320 8619 343.0 4.0 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/1 317 8160 312.0 3.8 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/1 320 7237 247.0 3.4 PECUARIA ANHEMBASOLTA
RO 2/4 336 7021 314.0 4.5 FAZENDA PARASOLTA
RO 2/4 314 6664 211.0 3.2 FAZENDA TRES SINCOS
RO 2/1 306 6118 269.0 4.4 FAZENDA PARASOLTA

NOME DO ANIMAL G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos

SOTARAPAZ ZULENEGA RO 3/0 327 945 291.0 5.5 PECUARIA ANHEMBASOLTA

CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos

WALUT TRENDY INGRERODAR 1025 RO 3/6 365 9910 295.0 4.1 PECUARIA ANHEMBASOLTA
TABOLEIRA 21 GC1 3/2 347 9991 385.0 3.8 PECUARIA ANHEMBASOLTA
SQ SONETICA VETERAN MINUTA 221 RO 3/3 365 9184 248.0 4.3 FAZENDA PARASOLTA
PIVOTA BELITOME 2864 RO 3/4 349 8131 260.0 3.6 FAZENDA PARASOLTA
PWLUPA TRENDY 2867 RO 3/3 365 7777 279.0 4.4 FAZENDA PARASOLTA
PWKENWILL 2756 RO 3/3 365 7403 223.0 4.1 FAZENDA PARASOLTA
PWHPAPOLO 2881 RO 3/5 308 6609 268.0 4.1 FAZENDA PARASOLTA
PWEGHAN LEADMAN 2857 RO 3/6 334 4812 247.0 4.0 FAZENDA PARASOLTA
PWESA WILL RO 3/6 357 5420 218.0

CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos

ATIBAI BELCAWANDA CHEFINAKETE RO 3/11 346 9238 345.0 3.3 LUZANTONIO PFLER
VALENTE OLENIA PETTON DONHELEDO GC1 3/11 359 8572 264.0 3.4 FAZENDA PARASOLTA
PVOITA PAULA 2797 RO 4/0 365 6611 226.0 4.1 FAZENDA PARASOLTA
PWIVITA NATHAN 2791 RO 3/9 365 6074 248.0

CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos

PVORTA PAULA 2725 RO 4/4 339 7662 267.0 4.6 FAZENDA PARASOLTA
PVINACE INATHAN 2699 RO 4/5 364 7346 311.0 4.1 FAZENDA PARASOLTA

NOME DO ANIMAL	G.S.	IDADE A/M	DIAS LACT	PROD. % LEITE	GORDURA % GORD	PROPRIETÁRIO
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos						
CLASSE D - de 5 a 6 anos						
SORNA DEVINE LEMBRANÇA 6RS	RD	5/2	334	11030	415.0	3.8 FAZENDA ANHILANGSLITA
PARTICIPANTE DE 50 79	RD	5/11	322	10717	332.0	3.1 FAZENDA ANHILANGSLITA
EUANGA DAZZLER 2486	RD	6/0	309	9165	358.0	3.9 FAZENDA PARASOLTA
EUOLUNGA TRIFECA 2527	RD	5/5	365	9014	297.0	3.3 FAZENDA PARASOLTA
CAMPINA TROPICALUSTER	RD	5/6	360	8171	254.0	3.1 ALVARO JOSE RESENDE ASSUNPOAO
CAMPINA ELLIS BEAUTICIAN	RD	5/11	331	8126	271.0	3.3 ALVARO JOSE RESENDE ASSUNPOAO
EU BAIARÁ RX 2528	RD	5/6	346	6749	266.0	3.1 FAZENDA PARASOLTA

CLASSE E - de 6 a 7 anos

MELISSO SUEGIA PRATA VAGABONDI	RD	6/4	365	10638	351.0	3.2 FAROCCO ROBERTO FILHO FAZ SANTIAP
SOOLOPADA SUESSOR RJAZERA 491	RD	6/10	322	10638	341.0	3.1
LUMAR GELAVINA STARBUCKTE 160	RD	6/2	358	8779	302.0	3.4 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
FERRINHA USTER	RD	6/9	365	7762	269.0	3.5 FAZENDA PARASOLTA

CLASSE F - de 7 a 8 anos

ISSONETE BEAUTICIAN	RD	7/2	365	8154	264.0	3.5 FAZENDA PARASOLTA
PSILIN MATADOR 2260	RD	7/3	365	7833	326.0	4.2 FAZENDA PARASOLTA
SLREGRODE INSPIRYOLANDE 532	RD	7/5	321	7305	226.0	3.1 VIMULT INDUSTRIAL COMERCIO

CLASSE G - de 8 a 10 anos

P SABAH INVINCIBLE 3183	RD	8/1	353	9842	352.0	3.6 FAZENDA PARASOLTA
PARASO SACAVEL MARS 2194	RD	8/1	330	8349	308.0	3.7 FAZENDA PARASOLTA

Raça: HOLANDESA VARIETADE UNIFICADA N° Ords.: 3x



CLASSE AA - até 2 anos

SPECIAL ROMA 111 COMING DOOR	RD	1/11	311	8685	230.0	3.8 ADEVOES REZEERRA BACTOS
------------------------------	----	------	-----	------	-------	-----------------------------

CLASSE AJ - de 2 a 2 1/2 anos

OFERNA SILVANOAO ZERRACERES 415	OK 4	2/4	365	7492	260.0	3.4 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
ALLIANECS PULMAROCKY	RD	2/5	357	6772	235.0	3.5 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
MELISSO ZITA TISA CHEYENNE	RD	2/6	311	6625	268.0	3.1 FAROCCO ROBERTO FILHO FAZ SANTIAP

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos

OLIMPIA CLARIMBO DACERES	OK 8	3/11	365	9841	311.0	3.2 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
PASCANA VALANT ALMARGA 138	OK 8	3/9	365	7618	225.0	3.0 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
MANGA LEADER 2027 DA CERES	POD	2/10	313	6477	208.0	3.2 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS

CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos

MATRIZ ZANNI HANUKA KATIRO	RD	4/11	324	8151	267.0	3.6 ADEVOES REZEERRA BACTOS
HITOKZ 2277 CEDRIC DA CERES	POD	5/0	340	8855	300.0	3.4 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS

CLASSE D - de 5 a 6 anos

MATRIZ ZANNI THOMP ORSTINA	RD	5/6	329	8616	305.0	3.5 ADEVOES REZEERRA BACTOS
MARCOA SIZETINE HILTON	RD	6/0	329	8340	290.0	3.5 ADEVOES REZEERRA BACTOS

CLASSE F - de 7 a 8 anos

ALMARGA GOLD BRUI 124	RD	7/4	327	5406	184.0	3.4 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
-----------------------	----	-----	-----	------	-------	--------------------------------

CLASSE G - de 8 a 10 anos

ALMARGA CHILLER PAMELA 67	RD	8/3	365	7331	251.0	3.5 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
---------------------------	----	-----	-----	------	-------	--------------------------------

NOME DO ANIMAL	G.S.	IDADE A/M	DIAS LACT	PROD. % LEITE	GORDURA % GORD	PROPRIETÁRIO
CLASSE H - mais de 10 anos						
ALVINALE BELGIAN	RD	11/4	365	6620	222.0	3.4 AFONSO NOGUEIRA DE FREITAS
Raça: JERSEY N° Ords.: 2x						
CLASSE AA - até 2 anos						
RICH VALLEY COPPER SHEILA 361	RD	2/0	365	6658	288.0	4.3 SUELI ALVES NOGUEIRA
CLASSE AJ - de 2 a 2 1/2 anos						
NORVI	RD	2/6	340	12553	353.0	4.4 MANUELA AUGUSTO DE FREITAS
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos						
BEA	RD	2/11	366	4760	209.0	4.4 SEBASTIAO CABRAL FILHO
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos						
LEITE STEEL 0370	RD	3/1	365	7152	265.0	3.7 SUELI ALVES NOGUEIRA
SMT GROVETINA 842	RD	3/1	325	5730	280.0	4.9 VITORIO AGUIAR DA SILVA MARZANO
BI GORDAN MLC TOP 518	RD	3/2	342	4888	257.0	5.3 OLAVO CARVALHO DA SILVA ALVALTE
FULL RIVER NOGUEIRA JENIE	RD	3/5	310	4490	214.0	4.8 RENATO DUARTE FERREIROS
FERRY FAT ZANPA 363	RD	3/3	365	3299	172.0	5.2 CARLOS EDUARDO DUARTE
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos						
VELECA PRIMA	OK 5	3/8	354	8996	278.0	3.1 FAZENDA PRESSENS
I GSELL TRL IMPDA PILOTO 156	RD	3/10	365	7147	377.0	5.3 RONALDO MARRAS
FLETCHER DALE IMPERIAL CARMEL 328	RD	4/0	327	6446	287.0	4.5 SUELI ALVES NOGUEIRA
PINNAL FREEDOM DELICIA ET 280	RD	3/8	327	6111	252.0	4.1 SUELI ALVES NOGUEIRA
GLAZERS JAVLESTER PILOTO 177	RD	3/7	325	5394	295.0	5.3 RONALDO MARRAS
WINOXYLUNO NOGUEIRA DANIELES 1218	RD	3/7	344	5119	288.0	5.2 SUELI ALVES NOGUEIRA
PINNAL FANTASIA CELEBRADA	RD	4/0	323	4676	213.0	4.6 ALFREDO LUIS ROCHA
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos						
PINNAL LEZANDER 12	RD	4/2	329	7415	327.0	4.4 SUELI ALVES NOGUEIRA
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos						
COTTOMWOOD GALANTE PRINCE P 30	RD	4/7	315	8544	361.0	4.5 FAZENDA PRESSENS
CLASSE D - de 5 a 6 anos						
AVONIA SUEGIA MELANDESJA 107	RD	6/0	364	6145	291.0	4.7 SUELI ALVES NOGUEIRA
CLASSE E - de 6 a 7 anos						
PINNAL MARIANO ALKE 104	RD	6/6	365	6118	282.0	4.6 RENATO DUARTE FERREIROS
CLASSE G - de 8 a 10 anos						
HOMER DALE STARLEY PATRIA	RD	8/2	365	8199	449.0	5.2 OLAVO CARVALHO DA SILVA ALVALTE
SPRIZZ AMERIS SONNE DUNDEE 258	RD	8/5	328	7789	307.0	3.9 VITORIO AGUIAR DA SILVA MARZANO
CANELLA CANDIDO DOYNER DO PASO	RD	8/3	325	4489	210.0	4.8 MANUELA AUGUSTO DE FREITAS
Raça: JERSEY N° Ords.: 3x						
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos						
MARCOA LINDA DE C. PROZOLI 67	RD	4/0	312	8296	361.0	4.8 JOSE GONCALVES DE VILA
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos						
BRISOLA CORRADO DA SILVA DE C. PROZOLI	RD	5/0	361	5401	286.0	4.8 JOSE GONCALVES DE VILA



G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

CLASSE E - de 6 a 7 anos

RO	4/3	353	4790	319,0	4,7	JOSE SALVADOR SILVA
----	-----	-----	------	-------	-----	---------------------



Raça: **PARDO-SUIÇA**

Nº Ords.: 2x

CLASSE AJ - de 2 a 2 1/2 anos

RO	2/5	332	7459	301,0	4,0	ERIBERTO VANDERLE ORYLORANGE
RO	2/1	330	6571	234,0	3,4	AGROPECUARIA TAPENHRSISA
RO	2/2	328	5867	220,0	3,8	JOSE ALDO CARDOSO FURTADO
RO	2/6	341	4178	161,0	2,9	VALDO CRONADO ANTUNES

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos

RO	2/1	318	7250	244,0	3,4	WELLINGTON DE OLIVEIRA CANABRAVA
RO	2/10	333	6588	254,0	3,1	WELLINGTON DE OLIVEIRA CANABRAVA
RO	2/11	365	6056	249,0	4,1	VALDO CRONADO ANTUNES
RO	2/8	320	4425	148,0	3,4	CARLOS DE FARIA TAVARES-PS

CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos

RO	3/5	355	7629	271,0	3,6	AGROPECUARIA TAPENHRSISA
RO	3/2	365	6508	157,0	3,5	GERALDO JOSE DE CASTRO

CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos

RO	3/7	314	6351	267,0	4,2	ERIBERTO VANDERLE ORYLORANGE
RO	3/10	365	5007	185,0	3,7	MARCOS FROSTERRA

CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos

RO	4/3	306	8059	319,0	4,0	OTTONI AGRICOLA LTDA
RO	4/1	365	6259	256,0	4,1	VALDO CRONADO ANTUNES
RO	4/5	330	3872	148,0	3,8	MARCOS FROSTERRA

CLASSE D - de 5 a 6 anos

GC2	5/9	364	7385	255,0	3,3	WELLINGTON DE OLIVEIRA CANABRAVA
RO	5/11	328	7386	231,0	3,1	JOSE ALDO CARDOSO FURTADO
RO	5/9	365	6994	216,0	3,1	WELLINGTON DE OLIVEIRA CANABRAVA
RO	5/4	339	6730	307,0	4,6	MARCO ANILLO PEREIRA PENNA
RO	5/6	358	5872	203,0	3,5	CARLOS DE FARIA TAVARES-PS
RO	5/3	312	5490	220,0	4,0	WELLINGTON DE OLIVEIRA CANABRAVA

CLASSE F - de 7 a 8 anos

RO	7/10	316	7949	303,0	3,8	MARCOS FROSTERRA
----	------	-----	------	-------	-----	------------------

CLASSE G - de 8 a 10 anos

PODD	10/0	363	9436	376,0	4,0	AGROPECUARIA TAPENHRSISA
------	------	-----	------	-------	-----	--------------------------



Raça: **PARDO-SUIÇA**

Nº Ords.: 3x

CLASSE AJ - de 2 a 2 1/2 anos

RO	2/6	317	6170	214,0	3,1	EWALDO JOSENEIRA
RO	2/5	314	6902	229,0	3,3	EWALDO JOSENEIRA

CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos

RO	3/5	307	6560	321,0	3,4	EWALDO JOSENEIRA
----	-----	-----	------	-------	-----	------------------

G.S. IDADE DIAS PROD % GORDURA PROPRIETÁRIO
A/M LACT LEITE GORD

CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos

RO	3/10	345	13220	479,0	3,6	EWALDO JOSENEIRA
RO	3/7	345	8572	266,0	3,3	AGROPECUARIA TAPENHRSISA

CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos

RO	4/3	330	10161	381,0	3,7	EWALDO JOSENEIRA
----	-----	-----	-------	-------	-----	------------------

CLASSE D - de 5 a 6 anos

RO	5/4	311	7141	255,0	4,1	EWALDO JOSENEIRA
----	-----	-----	------	-------	-----	------------------

CLASSE F - de 7 a 8 anos

RO	7/7	318	10269	855,0	3,9	EWALDO JOSENEIRA
----	-----	-----	-------	-------	-----	------------------

Raça: **GIR**
Nº Ords.: 2x



CLASSE AA - até 2 anos

RO	2/0	365	7708	377,0	4,9	JOSQUIM JOSE DE SANTANA RONDONHA
RO	2/0	325	2260	182,0	5,6	RENATO GUIMARAES OLPEIRINO

CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos

RO	3/0	307	2954	301,0	5,1	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
RO	2/8	341	2881	130,0	4,5	GABRIEL DONATO DE ARAUJO LORGE

CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos

RO	3/1	305	3687	183,0	5,0	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
RO	3/2	365	3519	182,0	5,2	GABRIEL DONATO DE ARAUJO LORGE
PODD	3/3	336	2429	105,0	4,3	ANTONIO JOSE LODOCO COSTA

CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos

RO	4/0	305	6380	266,0	4,5	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
----	-----	-----	------	-------	-----	-----------------------------

CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos

PODD	4/0	359	8119	313,0	5,1	GABRIEL DONATO DE ARAUJO LORGE
RO	4/11	326	3035	254,0	5,0	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE

CLASSE D - de 5 a 6 anos

RO	5/4	328	3259	174,0	3,4	RENATO GUIMARAES OLPEIRINO
----	-----	-----	------	-------	-----	----------------------------

CLASSE E - de 6 a 7 anos

RO	6/0	302	7333	333,0	4,5	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
RO	6/4	365	5517	252,0	4,4	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
RO	6/1	341	3949	224,0	5,5	RENATO GUIMARAES OLPEIRINO
RO	6/4	340	3560	194,0	5,4	RENATO GUIMARAES OLPEIRINO
RO	6/4	335	3243	182,0	5,4	GABRIEL DONATO DE ARAUJO LORGE

CLASSE F - de 7 a 8 anos

RO	7/6	304	7533	325,0	4,5	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
RO	7/4	351	6717	336,0	5,0	JOSQUIM JOSE DE SANTANA RONDONHA
RO	7/9	325	4964	219,0	4,4	LEONANTONIO DE ARAUJO LORGE
PODD	7/9	324	2687	117,0	4,5	ANTONIO JOSE LODOCO COSTA

CLASSE G - de 8 a 10 anos

RO	8/9	360	6700	325,0	5,3	GABRIEL DONATO DE ARAUJO LORGE
PODD	8/10	359	2907	115,0	4,1	CARLOS ALBERTO POMPEU CANPOS FREIRE

CLASSE H - mais de 10 anos

RO	14/5	324	6172	174,0	5,1	RENATO GUIMARAES OLPEIRINO
----	------	-----	------	-------	-----	----------------------------

	G.S.	IDADE AM	DIAS LACT.	PRODUÇÕES (Kg) NALACÇÃO	NO DIA	% GORD.
	RD	2/5	128	2224	17.4	3.6
	RD	2/2	263	4782	17.1	4.0
	RD	2/6	47	790	16.7	4.6
	RD	3/9	200	5354	16.5	4.0
		2/6	343	7117	16.0	3.9
	PD	2/6	315	6174	15.4	4.3
	PD	2/5	215	3832	15.4	4.0



**ARTHUR SOUTO MAIOR FILIZOLA
BELO HORIZONTE - MG**

tel.:(031) 281-1800/281-2531 - fax.:(031) 227-4868

2 ordenhas - Controle em: 18/03/98

PD	7/9	69	1471	24.2	3.5
PD	12/5	28	598	23.2	3.7
	9/6	132	2832	18.7	4.2
RD	8/6	106	2371	17.8	3.7
RD	8/9	100	2869	17.2	2.4
RD	8/1	88	1563	16.7	3.8
RD	10/9	198	3970	16.1	2.9
	7/1	17	236	15.4	2.5
RD	11/8	61	877	14.9	3.8
RD	10/8	111	2176	14.8	2.7
PD	11/5	173	3168	13.0	4.4
	2/0	208	2513	12.5	4.4
RD	14/6	153	2670	12.5	3.4

**FAZENDA BRASILIA AGROPECUARIA
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG**

Telefax.:(033) 352-1315/(031) 225-4858

3 ordenhas - Controle em: 13/03/98

PD	10/0	25	889	38.8	4.0
RD	6/9	68	1769	28.7	4.2
RD	4/6	159	4320	28.6	4.2
RD	9/11	365	10449	28.2	3.0
RD	8/0	69	1554	23.6	4.5
RD	7/2	89	2030	23.0	3.7
RD	8/6	81	1764	22.8	3.7
RD	4/4	91	2060	22.8	3.8
	10/0	26	527	22.1	3.4
RD	8/4	111	2388	21.4	4.1
RD	5/11	98	2194	21.4	4.5
	4/4	12	232	21.3	4.7
	3/10	118	3113	21.2	4.9
	7/3	89	2002	21.0	4.2
	9/4	44	863	20.5	3.7
	8/2	28	526	20.4	4.4
	8/4	14	253	20.1	4.7
	7/10	15	269	19.9	0.0
RD	11/1	122	3822	19.8	4.2
	6/2	79	1595	19.6	4.1
	4/0	28	509	19.4	3.1
	9/7	94	1841	18.5	4.0
PD	7/4	128	2382	18.3	4.6
RD	6/2	86	1548	17.9	4.6
PD	3/5	29	482	17.7	3.7
RD	10/7	98	1817	17.3	4.5
PD	9/0	116	2100	16.9	4.1
PD	9/8	172	4835	16.6	4.5
	4/7	10	150	16.6	4.7
	4/0	32	490	16.2	4.1
RD	3/10	76	1333	16.2	4.2
	3/1	251	4947	16.0	4.2
	3/1	51	755	16.0	4.0
PD	9/4	68	1003	15.3	2.8
PD	4/4	152	2546	15.3	4.0
	6/1	149	2700	15.2	4.1
RD	4/10	156	2637	15.0	3.9
RD	11/6	152	3039	14.9	3.6
RD	9/11	194	3272	14.1	5.0
PD	4/9	68	1094	14.0	4.0

NOME DO ANIMAL	G.S.	IDADE AM	DIAS LACT.	PRODUÇÕES (Kg) NALACÇÃO	NO DIA	% GORD.
HALENA DE BRASLIA	RD	8/2	273	4034	13.5	4.7
MANEQUIM DE BRASLIA	RD	4/1	478	72	13.2	4.0
NEVDA DE BRASLIA	RD	3/0	282	3859	13.2	4.4
HAVIANA DE BRASLIA	RD	8/7	266	4641	13.1	4.7
JACU TE DE BRASLIA	RD	3/11	63	891	12.9	5.4
MAGNIFICA DE BRASLIA	RD	4/0	257	3781	12.9	4.5
MUSICA TE DE BRASLIA	RD	4/2	58	882	12.9	4.3
BACIA	RD	3/5	293	5414	12.5	4.0
MARINHA TE DE BRASLIA	RD	4/4	284	4381	12.1	5.3
MARAVILHA DE BRASLIA	RD	3/0	331	5922	12.0	3.9
OVACAO DE BRASLIA	RD	2/7	27	387	11.7	4.2
LEOPOLDINA DE BRASLIA	RD	4/6	283	3411	11.5	5.2
MALVINA TE DE BRASLIA	RD	4/1	325	4751	11.4	4.6
OSANA DE BRASLIA	RD	3/1	8	80	11.4	3.8
MACA DE BRASLIA	RD	4/1	216	2493	11.2	4.5
MICRAGUA TE DE BRASLIA	RD	2/9	163	2315	11.1	3.7
HEVADA DE BRASLIA	RD	3/3	78	782	10.9	3.7
OLGA TE DE BRASLIA	RD	2/10	51	528	10.9	4.2
OLGACAO DE BRASLIA	RD	2/10	179	2242	10.7	3.7
CAPITU	1/2	3/5	293	6629	10.6	3.9
OLENA TE DE BRASLIA	RD	2/0	99	1159	10.6	4.8
ORINA TE DE BRASLIA	RD	2/7	200	2988	10.1	4.5
OLANA TE DE BRASLIA	RD	2/7	120	1493	10.1	4.9

**GABRIEL DONATO DE ANDRADE
ARCOS - MG**

tel.:(037) 351-9119 - fax.:(037) 351-9135

2 ordenhas - Controle em: 17/03/98

GLENA CALCOLANDIA	PD	5/1	67	1285	15.0	3.2
ENORA ZAGUE DA CALCOLANDIA	RD	7/5	144	2886	14.6	3.3
HILARIA DA CALCOLANDIA	RD	4/7	38	582	14.6	2.9
YARPA MAIOTE DA CALCOLANDIA	PD	13/0	118	1966	14.4	3.7
HOLANDA JADE DA CALCOLANDIA	RD	4/6	67	1038	14.4	3.6
EMIA TE PATIDA CALCOLANDIA	RD	7/9	75	1256	14.4	2.2
CARTILHA PATIDA CALCOLANDIA	RD	9/4	63	970	14.4	5.4
DECSAO PARAISO DA CALCOLANDIA	PD	8/1	166	3222	13.8	3.5
INDRA DA CALCOLANDIA	RD	4/7	74	1042	13.8	3.1
HERODIA 112	RD	3/3	53	781	13.4	3.2
DEBUTANTE RAPOSO DA CALCOLANDIA	RD	7/9	160	2619	13.0	3.2
FASCISTA 557	RD	2/7	32	401	12.4	7.5
GENEORACIA TE PARAISO CALCOLANDIA	RD	7/10	196	2984	12.0	4.9
IDEIA DA CALCOLANDIA	RD	3/10	105	1359	12.0	2.6

**HELIO DIAS SANTOS DUARTE
SÃO PAULO - SP**

tel.:(011) 268-2627

2 ordenhas - Controle em: 17/03/98

EMCHONA	PD	7/9	4	78	13.0	3.8
ONILANA	RD	3/0	160	2432	11.7	4.2
BAILARINA DA CACHOERA H.D.	RD	7/0	160	1864	7.4	4.6
ENTREVISTA TE CACHOERA H.D.	RD	4/3	196	2831	5.2	4.0

**JOAQUIM JOSÉ DA COSTA NORONHA
VARGEM GRANDE DO SUL - SP
(019) 975-9033/975-5128**

2 ordenhas - Controle em: 16/03/98

CA.MBA	PD	10/10	55	1677	32.4	4.2
CA.LEGA	PD	8/6	38	895	28.5	4.6
C.A.FRANCOESA		13/7	56	1178	22.2	4.3
CA.ORBITA	PD	5/0	150	3787	21.3	4.4
CA.QUILVA	RD	3/9	49	938	19.4	3.9
CA.MANROBAIN	RD	6/1	47	678	19.4	4.3
CAMPO ALLEGRE MALAGUETA	RD	7/6	223	3443	18.1	4.7
		4/6	62	881	17.7	4.2
CAPATATIVA	PD	7/10	240	4873	17.7	4.8
CA.LAPA	RD	10/1	224	3894	17.6	4.7
CATASUNA	GC3	3/8	80	1494	16.5	3.8
CA.QUERRESSE	PD	9/5	243	4330	15.8	4.9
CA.JACOBA	RD	12/7	93	1880	15.7	4.1
CAJUNABARA	RD	3/10	310	4866	15.1	5.0
CAPOTRA		3/2	280	4137	13.8	4.9
FAINA	RD	4/11	153	2146	13.3	5.0
CA.VOLGA		11/3	189	2380	12.6	4.8
CA.HERMITA	PD	7/0	266	3964	12.1	5.1
C.A.MARCELIA	RD	10/9	257	3790	11.9	5.0
CA.SAVANA						

Potencial forrageiro do coast-cross para produção de leite a pasto

* Maurílio José Alvim e Milton de Andrade Botrel

Na Embrapa Gado de Leite, situada no município de Coronel Pacheco, Zona da Mata de Minas Gerais, já foram conduzidos alguns trabalhos de pesquisa que tiveram como objetivo encontrar alternativas para melhorar a produção de leite de animais mestiços mantidos a pasto. Para esse tipo de rebanho, pastagens de setária entre outras, quando bem manejadas, constituem alternativas viáveis.

Atualmente, pesquisadores da Embrapa Gado de Leite, através de experimentação, desenvolvem um sistema alternativo de alimentação de vacas da raça Holandesa com elevado potencial para a produção de leite. As pesquisas são realizadas com pastagens de coast-cross.

Essa gramínea produz forragem de alta qualidade, uma vez que tem como característica possuir muita folha e pouco caule. Diante disso, o coast-cross é uma forrageira que pode ser usada para alimentar vacas de alta produção de leite, principalmente nas formas de feno e pastejo.

Manejo e produção de leite

Em 1992, foram avaliados dois sistemas de alimentação de vacas em

lactação, de alta produtividade. Em um sistema, as vacas foram mantidas em estábulo, recebendo diariamente silagem de milho à vontade e 8 a 9 kg/vaca de ração, com 24% de proteína. No outro, as vacas permaneceram livremente na pastagem de coast-cross.

O pastejo no coast-cross foi rotativo, com o período de ocupação do piquete sendo de um dia e o período de descanso variando de 32 dias, nos meses de junho e julho (época de baixa temperatura e pouca luminosidade), a 25 dias, no período de novembro a março (época das chuvas e de alta temperatura). No período de maio a setembro a pastagem foi irrigada. Anualmente, a pastagem foi adubada com 1.750 kg/ha de sulfato de amônio, 400 kg/ha de superfosfato simples e 470 kg/ha de cloreto de potássio, distribuídos em 10 aplicações, realizadas a lanço e após cada pastejo. As vacas somente saíram da pastagem para serem ordenhadas duas vezes ao dia, quando cada uma recebeu no momento de cada ordenha 1,5 kg dessa mesma ração. Nessas condições de manejo, o tamanho de cada piquete, dividido por cerca elétrica, correspondeu a cerca de 50 m² por vaca por dia, na época das chuvas, e a cerca de

100 m², na época da seca. Em nível de propriedade, o tamanho de cada piquete dependerá do manejo e da quantidade de animais a ser mantida na pastagem de coast-cross.

Os resultados conseguidos nessa avaliação mostraram que os animais mantidos na pastagem produziram, diariamente, 17 kg/leite/vaca, enquanto as vacas estabuladas produziram 20,5 kg/vaca. Deve-se considerar essas produções como médias de 40 semanas de avaliação. Nas condições em que a pastagem foi manejada, a taxa de lotação foi de 3,5 vacas/ha, na seca, e 7 vacas/ha, nas chuvas, com a média anual sendo de 5,5 vacas/ha, aproximadamente. Portanto, conseguiu-se expressiva média diária de produção de leite.

A avaliação econômica desses dois sistemas, mostrou que o custo da alimentação de cada vaca foi menor para as mantidas em pasto, embora o lucro devido ao leite vendido tenha sido semelhante nos dois sistemas comparados.

Com base nessas informações, realizou-se, em 1993 e 1994, outra avaliação, na qual, comparou-se o fornecimento de 3 e 6 kg/vaca/dia desse mesmo concentrado a dois grupos de vacas da raça Holandesa, ambos manti-

dos em pastagem de coast-cross. O manejo da pastagem foi o mesmo já adotado anteriormente.

Como média dos dois anos, as produções diárias de leite de cada vaca foi de 17 e 20 kg/vaca/dia, no período da seca, e 17,3 e 20,5 kg/vaca/dia, no período das chuvas, respectivamente, quando se forneceu 3 e 6 kg de concentrado para os animais. Ao fornecer 6 kg de concentrado, a taxa de lotação da pastagem foi mais elevada, correspondendo a 3 e 3,7 vacas/ha, no período da seca, e 5,9 e 6,4 vacas/ha no período das chuvas.

Tanto na época da seca como no período das chuvas, as vacas dos dois sistemas de alimentação ganharam peso. Entretanto, no mês de julho (época de seca), os animais que receberam 3 kg de ração perderam peso, porém, com recuperação no mês imediato. Em relação ao fornecimento de 3 kg de ração, o fornecimento de 6 kg proporcionou um aumento médio de 1 kg de leite/vaca/dia, por quilo de ração fornecido a mais.

Em 1995/96, com a pastagem sendo manejada conforme as avaliações anteriores, foram avaliados dois critérios de distribuição de ração para vacas Holandesas em pastagem de coast-cross. Um grupo de vacas recebeu 6 kg fixos de concentrado ao longo de toda a lactação. Outro grupo recebeu 9 kg, no primeiro terço da lactação, 6 kg no segundo terço, e 3 kg no terceiro terço. Portanto, ao final da lactação, a quantidade de ração recebida pelos dois grupos de vacas foi a mesma, correspondendo, em média, a 6 kg/vaca/dia.

As produções de leite corresponderam a 21,5 e 25,5; 19,8 e 20,6; 14,2 e 13,4 kg/vaca/dia, respectivamente, para o fornecimento de ração em quantidade fixa e variável. Na média de toda a lactação, a produção de leite foi de 18,5 kg/vaca/dia, quando se forneceu 6 kg fixos de concentrado, e 19,8 kg/vaca/dia, quando o fornecimento de concentrado foi variável.

Na média de toda a lactação, o fornecimento de concentrado para os animais em quantidade variável aumentou consideravelmente a produção de leite (1,3 kg/vaca/dia).

Essa diferença principalmente devido ao que se passou na primeira fase da lactação, quando esse critério de fornecimento do concentrado, que nessa fase correspondeu a 9 kg/vaca/dia, prolongou o pico de lactação dos animais a pasto.

A taxa de lotação da pastagem foi de 3 e 3,8; 4,7 e 4,6; 7,2 e 7 vacas/ha, com a média de toda a lactação, sendo de 5 vacas/ha. Portanto, o fornecimento de 9 kg de ração na primeira fase de lactação, além de favorecer acentuadamente a produção de leite desse período, favoreceu também a taxa de lotação da pastagem. Deve-se levar em consideração, que o experimento iniciou-se no período da seca. Portanto, o primeiro terço da lactação foi avaliado na época da seca, enquanto o último terço foi na época das chuvas, o que justifica o aumento da taxa de lotação à medida que as avaliações eram realizadas.

Considerações finais

Se se relacionar as médias de produção individual de leite obtidas com as taxas alcançadas de lotação da pastagem, deduz-se que as produções de leite por área de pastagem de coast-cross são elevadas, podendo atingir 30.000 kg/ha/ano.

Contudo, é preciso que a pastagem tenha manejo adequado e seja suplementada criteriosamente com concentrado. Deve-se considerar que a irrigação e a adubação são fatores de muita importância para se conseguir maior eficiência dessa pastagem na alimentação animal. Quando isso ocorre, o pasto de coast-cross atinge, na média anual, 17% de proteína bruta, sendo que, para gramíneas tropicais, esse teor protéico é considerado alto.

Além disso, admitindo diferenças nas potencialidades dos animais para produção de leite, ao dosar o concentrado a ser fornecido para as vacas deve-se considerar a época do ano e as potencialidades do animal, procurando fornecer maior quantidade de ração no início da lactação e menor quantidade na fase final.

Nessas condições, o pastejo rotativo do coast-cross pode ser indi-

cado como alternativa para intensificar a produção de leite a pasto, sendo tão viável quanto o sistema em que os animais permanecem estabulados, recebendo no cocho sua alimentação.

Cuidados especiais

Os resultados obtidos, em termos de produção de leite, tanto por animal como por hectare, são expressivos. Porém, são conseguidos em condições de pastagem de coast-cross localizada em área de várzea de boa fertilidade e submetida a um manejo cuidadoso. Adota-se o pastejo rotativo, faz-se boa adubação e o pasto é irrigado durante a época da seca. A alta produção de leite que se consegue, justifica economicamente esses investimentos.

Outro aspecto de importância a se considerar é com relação às plantas invasoras. As áreas de baixada, normalmente são muito infestadas por essas plantas daninhas e, assim, é preciso controlar sistematicamente essas plantas na área da pastagem. Esse controle deve ser iniciado já na fase de preparo do solo, antes do plantio. Nessa fase, deve-se procurar erradicar todas as invasoras da área. Isso pode ser conseguido através de aplicações de herbicidas, seguidas de algumas arações e gradagens do solo. Outro método que pode ser adotado, para o controle das plantas invasoras é o cultivo da área por um período maior antes do plantio. O plantio deve ser realizado no início da estação chuvosa. Tanto na fase de estabelecimento da pastagem como durante a utilização do pasto, os cuidados com o controle de invasoras devem prosseguir. Nessas fases, pode-se associar o processo do arranque (manual ou enxada) com aplicações localizadas de herbicidas, principalmente para as plantas invasoras entouceiradas. Portanto, o controle de invasoras é freqüente. ▽

Na edição de junho, será abordada a aveia e azevém para produção de leite na seca.

** Maurílio José Aivim e Milton de Andrade Botrel são pesquisadores da Embrapa Gado de Leite Juiz de Fora - MG*

Beefmaster do Texas para o Brasil



*A nova raça
bovina
já está dando
o que falar e vem
despertando o
interesse de pecuaristas
importantes em função de
sua rusticidade e precocidade.*

O Beefmaster é uma grande promessa para a pecuária de corte nacional. Pelo menos essa é a opinião dos criadores que resolveram apostar na nova raça que surgiu no Texas, no ano de 1908, graças à iniciativa de Ed Lasater. Sua origem é resultado do cruzamento entre touros indianos Gir e Ongole com vacas européias Hereford e Shorthorn.

Em 1930, o "pai" da raça morreu, mas deixou o ideal plantado na cabeça do filho, Tom, que continuou os trabalhos de cruzamento desse bovino, intensificando a seleção com a introdução do Guzerá. Ele partiu de três rebanhos meio-sangue de cada tipo, cruzados entre cinco raças, e chegou à definição de um padrão para o Beefmaster, com base nas seguintes características essenciais, marca registrada da filosofia Lasater: 1 - peso; 2 - rusticidade; 3 - habilidade materna; 4 - conformação; 5 - docilidade e 6 - fertilidade.

"Nessa época, os Lasater contavam com 2 mil vacas, além de vários touros, um rebanho fechado, no qual nunca foi introduzido sangue de fora", explica o fazendeiro de Oklahoma Randall Spears, um dos precursores do Beefmaster no Brasil. Segundo ele, os selecionadores adotaram um critério rígido de seleção, que definia a primeira parição aos dois anos, com um bezerro desmamado comerciável a cada 12 meses. A partir de 1939, os cruzamentos seguiam esses parâmetros. "O animal que nascia fora dessas condições era eliminado do rebanho, medida que também era estendida aos pais", conta.

A filosofia Lasater tomava como modelo a natureza. Cada lote, formado por 1.000 vacas e 40 touros, era solto nos pastos, para a monta natural e o nascimento da progênie. Assim, descartavam-se os animais leves, os mais fracos e as fêmeas que não corres-

pondiam à expectativa de uma cria por ano. Em 1954, o panorama do Beefmaster mudou, ao ser reconhecido pelo USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) como raça pura com vigor híbrido, ou seja, que possibilita cruzamento com outras espécies bovinas.

Nessa época, o arquivo de criatórios norte-americanos, que chegava à casa dos 100, era mantido por Tom Lasater. Hoje, mais de 7 mil propriedades contam com rebanhos PO e um número bem superior de criadores possui animais cruzados. De acordo com Spears, o Beefmaster apresenta o maior percentual de crescimento entre os bovinos nos Estados Unidos, sendo a quarta raça em quantidade de produtos registrados, ficando atrás do Angus, Hereford e Simental, pela ordem.

"Solo" fértil no Brasil

Em 1994 nasceu o primeiro produ-



De cor predominantemente vermelha, não existe um padrão de pelagem fixo.

to brasileiro, por meio de transferência de embrião, realizada na Fazenda Rodrigues da Cunha Beefmaster, em Andradina (SP), que trouxe a raça para o País, junto com Spears. "Em 1987, assim que terminei o mestrado em agricultura, estive no Brasil e decidi pesquisar um animal para os trópicos. Cheguei à conclusão de que o bovino desenvolvido por Lasater seria o ideal", conta Spears. Para tanto, ele convidou um fazendeiro do Texas para conhecer as propriedades de Rodrigues da Cunha, em 1990, época em que se mudara de Oklahoma para cá, e já estava casado com a filha de Cunha.

Um ano depois, Spears levou os sogros para o Texas e Cunha ficou apaixonado pelo Beefmaster. "Nosso processo de importação foi negado, porque o bovino não era reconhecido como raça no Brasil", comenta, explicando que diante das restrições teve de fazer, a pedido do Ministério da Agricultura, um projeto para introdução do novo animal. Dessa forma, conseguiu autorização para trazer o primeiro lote de sêmen para o Brasil, num total de 1.500 doses.

"Inseminamos 600 vacas Nelore puras e cruzadas com Hereford. Fechamos 150 fêmeas com prenhez positiva, sendo 25 Nelore x Beefmaster, 25 Nelore x Nelore, além de 75 cruzadas com sêmen Beefmaster", informa.

Sete meses depois, na época do desmame, as crias apresentavam os seguintes pesos: Nelore/Hereford x Beefmaster, média de 242 kg; Nelore puro x Beefmaster, 223 quilos; Nelore x Nelore, 166 kg. "Os números, simplesmente já, indicam um aumento de ganho de 34% e mostram que um pecuarista poderá obter animais com peso superior cruzando Nelore com Beefmaster", esclarece Spears.

Dos 86 embriões importados em 1994, nasceram 34 animais que atingiram a média de 440 quilos com um ano e 545 kg em 16 meses. Em ambos os casos, foram criados em regime de pasto da variedade Mombaça, com suplemento de crescimento com 15% de proteína, fornecido no cocho uma vez por dia, na proporção de 1 kg por 100 kg de peso vivo.

Sete das fêmeas do lote atingiram 380 kg aos oito meses e foram enxertadas a partir dos 14 meses, quando estavam com uma média de 415 kg. Além da grande vantagem quanto ao ganho de peso, animais com sangue Beefmaster se adaptam perfeitamente às condições mais rústicas do Brasil, igualmente ao Nelore. Segundo Spears, a raça responde muito bem à meta de criação do novillo hiperprecoce, com 13 arrobas de carcaça aos 9 meses.

A trajetória do Beefmaster no Brasil contou outras iniciativas do Grupo

Rodrigues Cunha, que importou, em 1995, 21 animais puro-sangue, dois machos e 19 fêmeas com 15 meses, visando a acelerar a criação. "O lote se adaptou muito bem e as fêmeas usadas no Programa de Coleta de Embriões já estão na segunda cria", informa.

Ainda dentro da estratégia de expansão da raça, Spears e quatro cunhados foram para o Texas em 1997, com o objetivo de conhecer e escolher as vacas e novilhas para serem doadoras de embriões. Durante 25 dias, o grupo visitou 21 criatórios e comprou inclusive fêmeas do rebanho original de Lasater. "Ao todo, selecionamos 39 produtos que ficaram naquele Estado para coleta. Até agora, chegaram cerca de 1.000 embriões e as transferências começaram em novembro do ano passado", comenta, acrescentando que até julho de 1999 o Programa de 1997 terá 380 animais.

As iniciativas para o fomento da raça vão desde a recente fundação de uma Associação, com sede em Chapadão do Céu (GO), a ações junto ao Ministério da Agricultura para a criação de uma entidade oficial, além do início de participação em exposições nacionais. A primeira delas foi realizada em setembro de 1995, em Campo Grande (MS), a seguinte aconteceu em abril de 1998, em Londrina (PR), ocasião em que a Terra Roxa Beefmaster, de Alexandre Kireef, apresentou os animais adquiridos de Rodrigues da Cunha em janeiro deste ano, na primeira venda realizada no Brasil. O passo seguinte será a Expo'98, de Goiânia, no final de maio, quando Spears Beefmaster mostrará seis produtos do seu criatório.

Características e vantagens

A cor predominante da raça é o vermelho, mas não existe um padrão fixo de pelagem. Afinal, como diria o criador do Beefmaster, homem cheio de jargões, "a conformação se define no gancho". E como boa produtora de carne, sua precocidade é latente. No Brasil, atinge peso ideal de abate, por volta de 450 quilos, entre 18 e 20 meses de idade. Já nos Estados Unidos,



Há inúmeros criadores de produtos meio sangue Beefmaster...

esse prazo é reduzido para um ano e três meses, uma performance bem superior à do bovino Nelore, abatido somente aos três anos.

O Grupo RC e os novos adeptos

A transferência de embriões do Programa é feita em Andradina, na Rodrigues da Cunha Beefmaster, localizada na Fazenda São José, que detém o maior número de animais puros da raça no Brasil, com 90 lotes. "Já fizemos coleta e transferência em 70 animais PO, além de vários lotes de cruzados meio-sangue e três quartos", conta Alberto Rodrigues da Cunha, titular da propriedade, muito satisfeito com o potencial desse bovino.


Segundo Cunha, a raça é muito boa e com certeza vai ser o ponto final dos cruzamentos industriais. "E com duas grandes vantagens: além de não ser um bovino terminal, pois pode continuar indefinidamente, o Beefmaster é um animal meio-sangue Zebu muito fértil, com boa aptidão materna e produtor de carne de excelente qualidade", argumenta, acrescentando que a espécie é indicada para qualquer tipo de FI (Simental, Limousin).

Existe uma demanda da raça, mas o mercado brasileiro ainda não dispõe de animais para atender às neces-

sidades. Todavia, Cunha acredita que, a partir do ano 2000, vai ter condições de oferecer grande quantidade de produtos da raça para venda, meio-sangue com cerca de 40% a mais de peso no desmame. Tradicional criador de Nelore, dentro de três a quatro anos, ele pretende transformar todo o seu rebanho, que hoje somam 3.000 cabeças, em cruzados Beefmaster. "Atualmente, possuo cerca de 300 lotes meio-sangue", observa, informan-

do que a próxima meta é a instalação de um criatório em Miranda, no Mato Grosso do Sul, próximo a Campo Grande.

A Spears Beefmaster, localizada em Goiânia, conta com um plantel de 15 animais PO (Puros de Origem), além de 80 fêmeas cruzadas meio-sangue, e já estão nascendo os produtos $\frac{3}{4}$. Outras propriedades também aderiram à raça: as Fazendas Moderninha e a Olho do Céu, ambas em Chapadão do Céu. Por sua vez, a Capps Beefmaster, o mais novo criador do time, adquiriu 100 embriões no primeiro dia do Campo da Raça, promovido pelo grupo fundador, no dia 21 de abril, do qual participaram o neto e o bisneto de Ed Lasater. Segundo Cunha, durante a visita, os dois consideraram o gado brasileiro muito bom e sinalizaram com um excelente futuro. "Eles acreditam até que o plantel nacional será superior ao dos Estados Unidos, pois trouxemos o sêmen dos 25 melhores touros e os embriões das vacas mais promissoras", comenta.

Atualmente, existem muitos criadores de produtos meio-sangue Beefmaster em cerca de 25 propriedades, espalhadas pelos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul e Goiás. Todas estão aprovando os resultados. 



...em cerca de 25 propriedades espalhadas pelo MT, MTS, PR, SP, RS e GO.

EXPO ORTE

EXPOSIÇÃO DAS RAÇAS BOVINAS DE CORTE 98

DE 03 A 14 DE JUNHO '98
AGROCENTRO - SÃO PAULO - BRASIL

Agenda de Leilões

- | | |
|---|--|
| 03/06 (4a. Feira) - Leilão Limousin da Expocorte - 20 h | 11/06 (5a. Feira) - 3º Leilão Premium Simental - 20 h |
| 04/06 (5a. Feira) - Leilão Nacional Piemontês - 20 h | 12/06 (6a. Feira) - Leilão Oficial Blonde D'Aquitaine - 20 h |
| 05/06 (6a. Feira) - 2º Leilão Estrelas do Mocho - 20 h | 13/06 (sábado) - 4º Leilão Santa Show - 12 h |
| 06/06 (sábado) - Leilão Liquidação de Ventres Nelore HRO - 12 h | - 1º Leilão Guzerá Expocorte - 15 h |
| - 2º Leilão Caracu da Expocorte - 20 h | - 2º Leilão Seleção Marchigiana - 20 h |
| 07/06 (domingo) - 4º Leilão Nac. Pardo-Suíço de Corte - 15 h | 14/06 (domingo) - Entrega de Prêmios - 11 h |
| - Entrega de Prêmios - 11 h | |

Programação - Julgamentos

1º Turno

03 a 07/junho

- 03/06 (4a. Feira) - Limousin
- 04/06 (5a. Feira) - Piemontês
- Nelore
- Limousin
- 05/06 (6a. Feira) - Chianina
- Nelore
- Piemontês
- Aberdeen Angus/Brangus
- 06/06 (sábado) - Caracu
- Nelore
- Pardo-Suíço Corte
- 07/06 (domingo) - Entrega de Prêmios 11h

2º Turno

10 a 14/junho

- 11/06 (5a. Feira) - Simental
- Simbrasil
- Blonde D'Aquitaine
- 12/06 (6a. Feira) - Simental
- Santa Gertrudis
- Marchigiana
- Guzerá
- 13/06 (sábado) - Marchigiana
- Guzerá
- Tabapuã
- Belgian Blue
- Charolês
- Hereford
- 14/06 (domingo) - Entrega de Prêmios 11h

Venha a São Paulo visitar o maior banco genético do mundo !

Organização:



TEL: (011) 5384.7799



ASSESSORIA E LEILÕES
TEL: (011) 3873-0430

Departamento Comercial:

Rua Olímpia, 25 Jd. Ermida 1 - Jundiaí/SP
Cep 13212-231 - Fones: (011) 7392.7943
(011) 7392.4271 ou (011) 7392.2403
cpoll@dglnet.com.br ou patron@dglnet.com.br

RANICULTURA

Carne nobre com baixos teores de gordura



Girinos de rã-touro em metamorfose.

Na opinião de alguns, criar rãs já foi bem melhor que nos tempos atuais, mas pode ser uma boa opção para quem dispõe de uma pequena propriedade. O capital investido tem o seu retorno dentro de dois anos.

O Brasil foi pioneiro no cultivo intensivo de rãs, graças à iniciativa do técnico canadense Tom Cyril Harrison, que trouxe 300 casais para a Baixada Fluminense, em 1935, dando início à criação da *Rana catesbeiana*, também conhecida como Bullfrog, rã-touro ou rã-touro gigante. Daí, ela se espalhou pelo Vale do Paraíba, principalmente para a Estação Experimental de Pindamonhangaba (SP), do Instituto de Pesca, órgão da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Essa entidade passou a realizar o fomento, distribuindo sementes

(girinos) e reprodutores para os interessados, permitindo que a espécie se espalhasse por todo o Brasil e para a América do Sul, principalmente para a Argentina, Uruguai e Bolívia.

Os primeiros exemplares, capturados diretamente do seu hábitat natural, adaptaram-se bem às condições do Brasil tropical, apresentando uma performance superior à do seu país de origem. Evidentemente, naquela época não existiam técnicas ou tecnologias adequadas à criação de rãs, isso porque a maioria dos experimentos realizados com a espécie, principal-

mente nos Estados Unidos, era destinada às pesquisas científicas ou aos testes de produtos químicos. "Elas não diziam respeito à produção zootécnica, mas algumas características desse animal estimularam o aparecimento de novos aficionados", comenta o criador e médico-veterinário Dorival Fontanello, um dos introdutores da ranicultura em São Paulo, por meio do Instituto de Pesca.

Ele explica que, por intermédio das pesquisas acadêmicas e comerciais, descobriram-se os seguintes aspectos inerentes à rã: 1 - é um animal que desova em cativeiro, não necessitando de indução nem de emprego de técnicas sofisticadas e caras, como acontece com os peixes de piracema; 2 - as qualidades de sua carne, considerada por especialistas como um achado, em razão de sua textura, sabor e por praticamente não apresentar lipídios intercelulares, não provocam acúmulos de gordura em nível vascular. Graças a essas vantagens, à alta digestibilidade e ao elevado teor de proteínas, num futuro bem próximo, a carne deverá se constituir uma importante fonte de proteína de origem animal selecionada para dietas humanas; e 3 - a existência de mercados externo e interno, caracterizado por uma procura superior à oferta, e os preços alcançados motivaram inúmeras pessoas a dedicar-se à criação, ainda carente em termos de técnicas. Além disso, o couro é usado para a fabricação de calçados, roupas e bijuterias.

"Na verdade, na maioria das vezes, o produtor vendia a carne no próprio ranário, sem a necessidade de frequentar os grandes centros consumidores. Hoje, esse quadro não é mais o mesmo. Em razão das conjunturas socioeconômicas, provavelmente o comércio também sofreu os efeitos da globalização", reclama.

A disseminação de ranários, mesmo em condições não muito apropriadas, permitiu que se adquirissem conhecimentos em torno desse assunto, o que, de certa forma, passou a pressionar os institutos de pesquisas e as universidades no sentido de gerar uma técnica de criação, visando a uma maior



Casal de reprodutores de rã-touro: macho papo amarelo e fêmea papo branco.

produtividade. A década de 70, portanto, marcou o começo da participação técnica, com os primeiros trabalhos científicos nessa área, voltados ao aprimoramento do cultivo intensivo da espécie. Nesse sentido, o Setor de Ranicultura do Instituto de Pesca, com sede no Parque da Água Branca, em São Paulo, começou os experimentos com a espécie rã-touro por volta de 1975, sob a responsabilidade de Fontanello. Em 1978, surgiu a Associação Brasileira dos Criadores de Rãs (ABCR). Logo a seguir, foi a vez da fundação da Associação dos Ranicultores do Rio de Janeiro (ARERJ), entre outras. "De lá para cá, tivemos altos e baixos dentro da ranicultura, caracterizados por maiores ou menores motivações, mas que representaram avanços no sentido da implantação definitiva da atividade", comentou.

Hoje, a ABCR possui em seu quadro de associados 198 ranicultores e estima entre 300 e 400 o número de pessoas que se dedicam à atividade no Brasil. A maior concentração de ranários está no eixo Rio-São Paulo, sendo que neste último Estado, os destaques ficam por conta das regiões do Vale do Paraíba, de Atibaia e do Vale do Ribeira.

Instalações

A exemplo de outras espécies animais, a rã-touro exige diferentes construções dentro do ranário, cada uma delas com tecnologia específica, visando a melhores índices de produ-

tividade. Por sua vez, na área de reprodução, acoplada à de embriologia, as larvas são colocadas em tanques especiais com aeração adequada, que permitem uma sobrevivência de 90%.

Esse setor possui características físicas e de manejo apropriadas, possibilitando uma exploração de alta prolificidade (número de filhotes), muito comum à *Rana catesbeiana*.

"Nesse aspecto, ocorre com a rã-touro o mesmo fenômeno que acontece aos peixes de um modo geral: havendo muitos alevinos, a maioria não atinge o estado adulto, pois morre predada pelos próprios pais ou por condições não adequadas", explica Fontanello. Esse fato, associado ao excelente desenvolvimento dos imagos (rãs jovens) no primeiro mês após a metamorfose completa, motivou pesquisas no Ranário Experimental de Pindamonhangaba, com o objetivo de separar os animais com maior potencial de crescimento. O ranário leva, então, para a parte de engorda definitiva apenas os que possuem capacidade de crescimento precoce.

Estufas climatizadas

Outras conclusões da pesquisa, de máxima importância para a exploração racional da espécie, dizem respeito ao crescimento favorecido, que ocorre quando os animais são criados sob temperaturas altas, com médias entre 35°C e 40°C. Com base nesse dado, o Instituto de Pesca criou o Sistema Climatizado de Produção de Rãs, que

apresenta como principais características: 1 - produção mensal, basicamente durante todo o ano; 2 - manejo específico para a seleção de animais com potencial de crescimento precoce; 3 - criação de rãs com a mesma eficiência em qualquer ponto ou região do território brasileiro, pois o sistema introduziu a criação em estufas climatizadas; 4 - o custo de produção estimado por quilo de rã está em torno de US\$ 5,00/kg; e 5 - o custo de implantação do ranário é de cerca de US\$ 30,00/US\$ 40,00 por metro quadrado.

Segundo Fontanello, o objetivo desse regime de criação, desenvolvido há cerca de três anos, é colocar os animais em condições físicas cada vez melhores para que se possam aproveitar as suas capacidades intrínsecas.

Mercado

A caça predatória e indiscriminada, realizada na Índia, Turquia, China e Bangladesh, é o principal meio de abastecimento do mercado externo, apesar da proibição por parte desses países. Desses locais, o produto é exportado especialmente para a Itália, França e Estados Unidos, que lideram o volume de compras. "Apesar de tudo, essa atividade proibida tem seu lado bom, pois manteve o hábito do consumo da carne de rã, principalmente por parte dos imi-

grantes que povoaram os países das Américas", comenta Fontanello. De acordo com ele, os estoques naturais estão cada vez mais baixos, razão pela



Rã-touro (Rana catesbeiana). qual, em um futuro próximo, o abastecimento será feito pela criação em cativeiro.

Por sua vez, a produção brasileira está estimada em 300 toneladas de carne anuais e destina-se ao consumo interno. O peso da rã para o abate varia atualmente de 170 a 200 gramas, dan-



Ranário Experimental do Inst. de Pesca - SP, em Piedamonhangaba, onde são realizadas as pesquisas com a rã-touro.

do um rendimento de carcaça em torno de 55% a 60%. O preço para o produtor está em torno de R\$ 10,00 a R\$ 11,00; para o intermediário, entre R\$ 13,00 e R\$ 15,00, enquanto os supermercados comercializam o produto por valores superiores a R\$ 25,00 o quilo.

No sistema de ranário climatizado, o período de engorda é de quatro meses, pois o mesmo adota manejos físicos e higiênicos para as diferentes fases de cultivo, adequadas a essa produção mensal.

Novo sistema

Produzir 1.500 quilos de carne de

rãs por mês, basicamente durante todo o ano. Essa é a meta de Fontanello, que está instalando um ranário no Vale do Ribeira. Para tanto, vai utilizar uma área total de 5 mil metros quadrados, com 3 mil metros quadrados de área construída. Ali, já existem tanques de engorda de 31 metros quadrados, com capacidade para 50 animais por m². "Todo o sistema é de alvenaria, o que permite uma higienização mais eficiente e barata, porque podemos usar o fogo para sua esterilização, por um processo de queima com botijão de gás (maçarico)", esclarece o criador.

O custo do ranário tipo climatizado está estimado em US\$ 40,00 o metro quadrado e o retorno comercial da área montada, em pleno funcionamento, deve acontecer antes de completar dois anos de atividades. Mas Fontanello avisa: "É importante procurar profissionais capacitados, que tenham tempo para passar a tecnologia para os funcionários e para acompanhar de perto o desenvolvimento do projeto".

O sabor da carne

Para quem pretende saborear rã e não sabe como prepará-la, aí estão duas receitas divulgadas durante o Curso de Preparo de Carne, realizado durante o Technofrog '95, em Viçosa, MG, numa promoção da Abetra - Associação Brasileira de Estudos Técnicos e Ranicultura.

Rã à

Moda Mineira

Ingredientes:

500 gramas de coxas de rãs desossadas, 1 colher (sopa) de sal (15g), 1 colher (sopa) de margarina ou manteiga (14g), ½ cebola (40g), ¼ de pimentão (40g), 8 tomates (960g), 1 colher (sopa) de salsa batidinha (5g), 1 copo de requeijão cremoso (300g), 3 xícaras (chá) de batata palha (300 gramas) e 1 lata de milho verde (250g).

Como preparar:

Temperar as coxas de rã com sal, depois fazer um refogado com manteiga, cebola picada, pimentão picado, salsa e milho verde. Alcegar a carne de rã e deixar cozinhar por alguns minutos. A seguir, colocar o requeijão no fundo de um refratário, acrescentar o refogado e a batata palha e levar ao forno brando (180°C) por 10 minutos. Quando retirar, cobrir com flores feitas de tomate. (Rendimento: 6 porções).

Carne de Rã Assada

com Molho Agriçoce

Ingredientes:

386 gramas de coxas de rãs, ½ colher (sopa) de sal (9g), ¼ de xícara (chá) de vinho tinto (50g), 1 colher (sopa) de sálvia (1 grama), 1 colher (sopa) de mel (20g), 1 colher (sopa) de molho de mostarda (20g), 2 colheres (sopa) de ketchup (42g), 4 colheres (sopa) de maionese (80g), 2 colheres (sopa) de água (40g), ½ colher (sopa) de molho inglês (8g) e ½ colher de alho/sal (10g).

Como preparar:

Temperar a carne de rã com sal, vinho tinto e sálvia. Deixar de molho por aproximadamente 30 minutos. Assar em forma refratária, coberta com papel alumínio, por 45 minutos, a 180°C. Para fazer o molho, à parte, misturar o mel, o molho de mostarda, ketchup, maionese, água, molho inglês e o alho/sal. Regar o assado com o molho preparado. (Rendimento: 4 porções).

Modelo comercial

O Instituto de Pesca sugere que o ranário fique o mais próximo possível do centro consumidor. Outras recomendações importantes são a existência de energia elétrica, terrenos levemente inclinados e, principalmente, água de boa qualidade e abundante. No caso de criações comerciais, as instalações compreendem cinco módulos básicos:

1 - Módulo de Reprodução - É formado por uma ilha, que recebe os casais reprodutores, e pequenos tanques para as desovas. A densidade é de três rãs por metro quadrado.

2 - Módulo de Eclusão - Espécie de estufa, cuja principal função é evitar a oscilação de temperatura. Nesse local ficam as larvas recém-eclodidas até cerca de duas semanas, onde sobrevivem se alimentando com as reservas do saco vitelino.

3 - Módulo de Girinagem - Esses tanques, em geral de formato retangular, destinam-se à estocagem de girinos e à metamorfose rápida.

4 - Módulo de Metamorfose - Trata-se de uma calha, localizada entre os tanques de girinagem, destinada a receber os imagos.

5 - Módulo de Engorda - São quatro os tipos mais usados nos ranários brasileiros: tanque-ilha, confinamento, anfigranja e híbridos. Em todos eles, a densidade média fica por volta de 50 rãs por metro quadrado.

SERVIÇO

• Dorival Fontanello é médico-veterinário, pesquisador científico aposentado pelo Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, fundador da Associação Brasileira dos Criadores (ABCR). Atualmente, é raniculor em Juquiá (SP), no Vale do Ribeira, onde está implantando um ranário com outros sócios.

• Consultoria técnica da bióloga pesquisadora do Instituto de Pesca, Cláudia Maris Ferreira.

• Mais informações no Instituto de Pesca, pelo telefone (011) 864-6300, ramal 2048, ou na Associação Brasileira de Criadores de Rãs (011) 864-7177.



Chega de tanta injeção!

PENFORT REFORÇADO, A SOLUÇÃO EM DOSE ÚNICA.



PENFORT REFORÇADO associa em sua fórmula os antibióticos penicilina G benzatina (longa ação), penicilina G procaína, penicilina G potássica e estreptomicina, além do diclofenaco sódico, um potente anti-inflamatório que facilita a ação dos antibióticos na debelação das infecções bacterianas mistas.

FÓRMULA

Cada frasco de 8,4 g contém:

Penicilina G benzatina	3.000.000 UI
Penicilina G procaína	1.500.000 UI
Penicilina G potássica	1.500.000 UI
Estreptomicina base	2.500 mg
Total de penicilina	6.000.000 UI

Cada ampola diluente contém:

Diclofenaco sódico	225 mg
Veículo q.s.p.	15 ml

O resultado é que **PENFORT REFORÇADO** é ministrado em dose única, trazendo praticidade e economia no tratamento de bovinos e eqüinos afetados por várias infecções bacterianas, (incluindo leptospirose e garrotilho). Embalado em inovadora caixa de isopor, térmica, econômica, **PENFORT REFORÇADO** é apresentado com 4 frascos de 8,4 g e 4 ampolas de diluente de 15 ml (diclofenaco sódico).

PENFORT REFORÇADO, em um só passo, o melhor tratamento contra infecções bacterianas mistas em bovinos e eqüinos.

CONSULTE SEMPRE UM MÉDICO VETERINÁRIO.



OURO FINO

TRABALHANDO SÉRIO PARA SER A MELHOR

Produtos Veterinários



Um cavalo chamado Appaloosa

Muito antes da descoberta do Continente Americano, o homem já se encantava com o Appaloosa. Pinturas chinesas de 5.000 anos atrás mostram cavalos similares a ele. O primeiro registro oficial da criação da raça data da Pérsia de 1600 a. C., onde eram adorados como animais sagrados. Em 1974, nascia no Brasil o primeiro Appaloosa.



Real Rush (The Real Stuff X Turdees Golden Lady). Campeão Nacional Americano 1996. Haras Appaloosa N. Sa. do Carmo.

Entre as características do Appaloosa a que mais o distingue dos demais cavalos é sua pelagem colorida, que varia do leopardo (pintas escuras de diferentes tamanhos espalhadas por todo o corpo, sobre fundo branco) ao ruão (uma mistura de pêlos claros e escuros por todo o corpo). Pode ser ainda nevado ou salpicado de escuro, com manta branca sobre o lombo, garupa e posteriores. A partir desses tons, há uma infinidade de variações.

Sob suas pinturas existe um corpo atlético, naturalmente inclinado para a velocidade, agilidade e resistência, exibindo pernas bem conformadas e de sólida estrutura óssea. O tórax amplo lhe confere excelente capacidade pulmonar. Os músculos longos e bem definidos, combinados com uma angulação perfeita, frente e garupa bem acentuados, são traços típicos do animal. Inteligência e docilidade completam e traduzem o estilo, simetria e equilíbrio da raça.

O perfil agradou a exigência brasileira e, em 1977, foi fundada a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos Appaloosa (ABCCAppaloosa), inscrita no Ministério da Agricultura. No início havia 45 sócios, 29 haras cadastrados e representantes nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio Grande do Sul. Hoje, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking de criadores do mundo, perdendo apenas para os Estados Unidos, o país de origem dessa raça. São mais de 1.500 criadores espalhados por todas as regiões do País e cerca de 15.000 animais registrados no Stud Book. Entre eles estão empresários rurais voltados para o gado de corte, de diversos setores, que buscam no Appaloosa um negócio associado ao lazer, além de pequenos e médios produtores e profissionais liberais, que se apaixonaram pela atividade 'country', tor-

nando-se assíduos competidores. Entre os famosos que já criaram ou criam Appaloosa no Brasil estão Beto Carrero, Wolf Maia, Eduardo Moscovis, Ana Maria Braga, Otávio Mesquita, Kenny Roger e Raul Gazolla. Na América Latina, o plantel é ainda pequeno, mas sua procura vem crescendo e com o Mercosul a previsão é aumentar ainda mais.

Melhoria contínua

A fim de garantir uma melhoria contínua da raça no Brasil e atender às suas características, a ABCC Appaloosa, por meio de seu Conselho Técnico, visa manter a divulgação anual dos Certificados de Registro de Mérito e High Point dos animais brasileiros. Para isso, destaca algumas prioridades em suas atividades a médio e longo prazos. Melhorar os conhecimentos técnicos dos profissionais do meio hípico por meio de seminários é uma delas, assim como fortalecer os Núcleos Regionais e seus eventos, fomentando a expansão da raça pelo País. Outro ponto importante em busca



O garanhão Appaloosa Prince Shannon Lee.



Apresentação das crianças durante a prova Funcional no Panamericano/97.

do aprimoramento do Appaloosa está na orientação e apoio técnico aos novos proprietários e criadores, por meio de Serviços de Ouvidoria e do Conselho Social da ABCC Appaloosa. Há ainda a inten-

ção de se globalizar a raça, utilizando o intercâmbio com associações e criadores estrangeiros. Para isso, foi criada na instituição um cargo de vice-presidente de Assuntos Internacionais, ocupado por Raul Ozório de Almeida, com o objetivo de estreitar as relações com esses cria-



Momento do julgamento de Conformação, durante o Congresso Panamericano/97.

O que existe de mais seguro e econômico para o seu amigo do peito !

TORTUGA 0800-116262
<http://www.tortuga.com.br>





FOTO: ALVARO MAMA

By Myst Lee, Grande Campeão da Raça Appaloosa em 1996.

dores e normatizar o registro do Cavallo Appaloosa Brasileiro pelo Americano.

Por ser um animal versátil, não apenas belo em sua conformação mas altamente capacitado para o trabalho, o Appaloosa tem uma grande possibilidade de expansão no mercado brasileiro. "É justamente para esse potencial que estamos inteiramente voltados. Existem muitos cavalos de qualidade no mercado e queremos que o Appaloosa se destaque entre as raças de primeira linha", afirma o presidente da ABCCAppaloosa, Nei Rodrigues.

A associação pretende ainda aumentar a quantidade de sócios. Atualmente são 341, um número muito pequeno perto dos 1.500 criadores e proprietários não cadastrados. "Queremos estimulá-los para que se associem e participem conosco do desenvolvimento da raça e do mercado. Com essas mudanças é possível, ainda, atrair novos adeptos." O objetivo é atingir 1.000 associados até o final de 1999. "Estaremos felizes se conseguirmos esse número, porém é pouco para o potencial do setor."

Qualidade nacional

Comparando o Appaloosa nacional com o estrangeiro, as diferenças no que se refere à qualidade da raça são nulas. Os criadores brasileiros investiram muito no plantel, importando os principais cavalos americanos. Como resultado, os 'produtos' nacionais de provas de trabalho, concursos de conformação e de corrida igualaram-se à matriz. "Devido a alta qualidade do nosso criatório, estamos lutando para que esses cavalos tenham automaticamente o reconhecimento de seu registro no Appaloosa Horse Club."

O que ainda difere o plantel americano do brasileiro é a sua quantidade. Além de ser maior, os criadores são pequenos e médios e apresentam altíssima qualidade de produção. "Este é um quadro que queremos desenvolver no Brasil. Nossos proprietários possuem um imenso número de cavalos, o que, muitas vezes, dificulta garantir a qualidade



O presidente do Appaloosa Horse Club em visita ao Brasil, acompanhado da diretoria de 1996 da Associação do Cavallo Appaloosa.



*Outro detalhe do garanhão Real Rush:
114,5 pontos nos Estados Unidos.*



*Apresentação de Sweet Lady CRL,
de Carlos Roberto Lisboa, no Panamericano/97.*

devido ao alto custo de manutenção”, explica Rodrigues. Fora isso, o que existe no Brasil é um provincianismo em achar que o animal importado é melhor que o filho de estrangeiros produzidos aqui. Para quem ainda insiste nessa teoria, ele alerta aos que pretendem ingressar no ramo: “O custo de importação do cavalo é maior e o risco de adquirir um animal inadequado para suas perspectivas também é grande”. E garante que, por meio de uma boa orientação da associação e profissionais informados, é possível obter mais satisfação.

Appaloosa com garantia

Engajada nessa nova proposta da Associação, o Haras Appaloosa Nossa Senhora do Carmo, em Guararema (SP), mantém um plantel com apenas 20 animais, sendo dez matrizes, dois garanhões e o restante em potros. Entre os machos está o campeão nacional em pontuação geral de 1996, nos EUA, o Real Rush. Todas as matrizes foram cobertas por ele e aguardam o nascimento dos potros para julho. Em busca de melhorar geneticamente seu criatório, a proprietária, Vilma Navarro Diniz Borges Simas, afirma que é feito um acompanhamento técnico das éguas reprodutoras, por profissionais especializados, buscando selecionar fêmeas que fizeram boas campanhas (foram premiadas em competições). “Um bom garanhão sozinho não garante qualidade à cria”, confirma. Outra forma de manter a qualidade dos animais será por meio de transferência de embriões de fêmeas previamente selecionadas. “A vantagem é obter dois potros bons ao invés de um”, lembra Vilma. Melhoras no trabalho de preparação dos cavalos também estão na pauta do haras. Atividades diárias como escovação e exercícios dos animais recebem atenção especial assim como a pastagem que tem agrônomos exclusivos ou ainda veterinários para reprodução e outro só para clínica. “Por meio de um trabalho sério, estamos cada vez mais nos profissionalizando”, afirma. Em busca de know-how americano, Vilma enviou seu filho Francisco Simas ao Texas, onde deve permanecer por três meses. Toda essa dedicação irá garantir uma contínua melhoria do Appaloosa em terras brasileiras.

O envolvimento de algas prototheca na etiologia das mastites

* Profa. Dra. Maria da Conceição Estellita Vianni

A mastite é uma enfermidade multifatorial cuja frequência e importância na pecuária de leite fazem com que a doença ocupe lugar de destaque entre as enfermidades do úbere. Ela acarreta sérios prejuízos de ordem econômica, alterando a qualidade física e química do leite, diminuindo a produção e até algumas vezes determinando perda total dessa capacidade.

Existe também o aspecto de Saúde Pública, através da veiculação pelo leite de microrganismos patogênicos, os quais determinarão no homem, dentre outras enfermidades, erisipela, angina, faringite, febre reumática, glomerulonefrite e intoxicações.

Outro problema resultante das mastites diz respeito à diminuição do rendimento do leite, o que por sua vez acarreta nas indústrias de laticínios e derivados prejuízos significativos, além do que a massa para preparação de queijos estará sempre comprometida em face da alcalinidade presente no leite.

Agravante maior é o fato de a doença se apresentar sob as formas clínica e subclínica, sendo esta mais prejudicial devido à ausência de sinais e/ou sintomas, o que determinam perdas econômicas superiores àquelas causadas pela forma clínica, levando-se em consideração a persistência do processo e a ausência de anormalidades.

A mastite é considerada uma doença muito antiga e a literatura em trabalhos publicados por volta de 1776, cita que, mesmo antes de serem identificados os microrganismos patogênicos da glândula mamária, demonstra-

vam o envolvimento de úberes bovinos em sérios problemas de diminuição da produção láctea. Tais alterações faziam o leite adquirir coloração amarelada, sendo denominada na época pelos suíços de "gerber galt" (secreção amarela).

A identificação do primeiro agente causador da doença ocorreu em 1886, sendo identificada uma bactéria denominada estreptococos. Três anos depois, foi identificado o primeiro caso de mastite causada por estafilococos. A partir dessa data, muitos microrganismos passaram a ser incriminados como agentes determinantes da doença, tanto assim que na atualidade o complexo etiológico das mastites envolve mais de 84 microrganismos. Até meados do século XX, cerca de 95% dos casos são provocados por estafilococos e estreptococos.

Com o advento dos antibióticos e a alta sensibilidade apresentada pelos estreptococos, as infecções causadas por esse agente foram reduzidas em mais da metade. Tal fato permitiu que os estafilococos, por sua resistência intrínseca aos antimicrobianos, assumissem papel de destaque como agentes das mastites.

Nos últimos anos, os autores começaram a ressaltar o envolvimento de algas verdes do gênero *Prototheca* não somente nas mastites, como também em outros processos na espécie humana, por meio do contato direto, sendo esses denominados genericamente de prototecoses. Essas algas, representadas principalmente pelas espécies *Prototheca trispora* e *Prototheca zopfii*,

vêm sendo responsabilizadas por um processo crônico traduzido por uma reação de endurecimento da glândula mamária e conseqüente diminuição da produção láctea.

Esses organismos considerados patógenos oportunistas são classificados segundo seus caracteres morfológicos (taxonômicos) em: *Eucaryotas*® *Chlorophyta*® *Chlorococcales*® *Prototheca*. Unicelulares e não flagelados, possuem pigmentação, daí serem denominadas algas verdes. Vivem no solo, digerindo matéria orgânica e por contato direto chegam até o homem e animais. Na espécie humana, causam infecções subcutâneas, tais como dermatites e bursites e, nos animais, ocasionalmente, determinam mastites de meio ambiente.

A identificação dessas algas é feita mediante semeadura em meios de cultura, onde são observadas as características que lhes são peculiares e ao microscópio (figura 1) são visualizadas estruturas ovaladas, Gram positivas (coradas em roxo), semelhantes às apresentadas pela levedura *Candida*.

Por ocasião da colheita de amostras de leite, visando ao isolamento e identificação desses organismos, deve-se colher as últimas porções de leite à semelhança do que se faz para a pesquisa de fungos.

O surgimento das mastites causadas por algas determinou uma expectativa muito grande com relação ao comprometimento de rebanhos leiteiros, uma vez que a elevada resistência apresentada por esses organismos aos diversos antimicrobianos favorecia em muito a perpetuação da doença nos rebanhos. Entretanto, em um de seus últimos boletins (1997), o *National Mastitis Council* divulgou o perfil de suscetibilidade antimicrobiana dos diversos agentes causadores de mastites, no qual indica a nistatina, a anfotericina B e o ketoconazole como eficientes medicamentos para o tratamento das mastites causadas por algas do gênero *Prototheca*, ressaltando-se, porém, que a medicação deve ser precisa, a fim de não propiciar o desenvolvimento de resistência a esses organismos. ♣



Caderno de Negócios

IRMÃOS OLIVEIRA & CIA. LTDA.



Sistemas de Contenção
Arbustos Casqueador
Apertadores
Seringas
Cochos

IRMÃOS OLIVEIRA & CIA. LTDA.
R. Gal. Costa Campos, 65 - cj. 304
Alenas - MG
CEP 37130-000 - Alenas - MG
Tel: (035) 292-1889 - Fax: (035) 292-1320

RATOS? MORCEGOS? ACABE COM O PROBLEMA

Aparelho ultra-sônico com tecnologia japonesa, sem similar no Brasil. Disponível em três modelos para proteção em áreas de 150, 700 e 1.400 m².

BRASTEC INSTRUMENTAÇÃO INDUSTRIAL LTDA.

Rua Gal. Costa Campos, 65 - cj. 304
CEP 37130-000 - Alenas - MG
Tel: (035) 292-1889 - Fax: (035) 292-1320



BEABISA AGRICULTURA LTDA

Machos e Fêmeas Simental JO e Cruzamento
Fazenda Rio da Moura
Morro Agudo - SP
Telefax: (016) 636-4488

AO BOI O OLHO



Soluções em Fitorral e
Análise de Solo
Análise de Qualidade
e Contaminantes - GPS
Análise de Qualidade
Líquida e Resíduos
Análise de Qualidade
e Alérgicos
Análise de Qualidade
e Resíduos
Análise de Qualidade
e Resíduos

Lula Henrique Morais
& Associados.

KIT de Análise do Solo

Suas Plantas, Flores, Arvores, Gramas NÃO ESTÃO VISTOSAS?

O RAPITEST Informa em POUCOS MINUTOS e que falta PH + Nitrogênio + Fósforo + Potássio

Por R\$ 56,00 (40 testes)
Você acaba com o "chute" NA HORA DE ADUBAR

VALSAN (011) FONE 256-0855 • FAX 214-5792
R. DA CONSOLAÇÃO, 1992 • 01302-091 • S. PAULO/SP



HONDA PRODUTOS DE FORÇA



Av. São Amaro, 733
02047-2
Santo Amaro
Tel: (011) 501-4364

BALANÇAS JOÃO TRIVELATO

PESANDO O MUNDO

Balanças Bovinas,
Suínas e
Troncos Fixos
Tel: (043) 256-1739
R. 2000 - Rolândia - PR



ALFAFA

- Feno de Alfafa da melhor qualidade
- Posto em sua fazenda

RENATO CORRÊA FRAGA MOREIRA FILHO

Tel: (043) 732-1216 - Armazém
Fax: (043) 732-3764
(0143) 72-1242 - Residência
End. comercial: Av. Brasil, 744
Cambará - PR - CEP 86390-000

FIKAFORTE



- 13 vitaminas + 12 minerais + metionina
- 26 elementos potencializados
- + carne + leite + fertilidade

FIKAFORTE é a solução para cascos doentes
Aceitamos Representantes

Gado Fino Ind. Com. de Produtos Químicos e Veterinários Ltda.
Cajuru - SP - Telefax: (016) 667-3200

Peso e troncos COIMMA a solução na medida exata!

BALANÇA ELETRÔNICA BOVINA



Bateria não inclusa.

coimma@stetnet.com.br
www.stetnet.com.br/coimma



BALANÇA MECÂNICA BOVINA

Balanças



Qualidade que pesa exatol
DRACENA - SP
FONE: (018) 821-2555
LIGUE GRÁTIS:
0800-112555

ANUNCIE PELOS
TELEFONES:
(011) 831-7982
261-8438

Aftosa quase estragou a festa do MS

As expectativas de reconhecer oficialmente o Estado do Mato Grosso do Sul (MS) como área livre de febre aftosa com prática de vacinação, o que representa uma grande conquista no mercado internacional, quase foram frustradas. O Estado foi surpreendido por um foco da doença no município de Porto Murtinho no mês de março, onde foram abatidos cerca de 600 animais infectados e outras 1.900 cabeças como medida de prevenção. Conforme o secretário Estadual de Agricultura do Estado de São Paulo, João Carlos de Souza Meirelles, o caso foi um acidente de percurso sem explicação lógica, uma vez que o MS está trabalhando intensivamente no programa de erradicação desde 1988, alcançando altos índices de cobertura vacinal. Possui ainda, sob a administração do Instituto de Defesa Agropecuária do Mato Grosso do Sul – Iagros –, uma estrutura de vigilância sanitária com escritórios em todos os municípios.

O incidente de Porto Murtinho, segundo Meirelles, serviu para demonstrar que o Brasil tem uma estrutura pronta de vigilância capaz de intervir com rapidez, além de alertar os pecuaristas para que as campanhas de vacinação sejam seguidas à risca. “Os criadores estão conscientizados dos perigos de uma febre aftosa para os rebanhos e para a economia.” Para contornar o problema e garantir o esforço alcançado pelo MS na Organização Internacional de Epizootias, estão sendo feitas tentativas para identificar a viabilidade de configurar uma zona de separação dentro do próprio Estado sem prejudicar as demais áreas e reconhecendo o restante como “zona livre de aftosa”. Caso a estratégia seja positiva, o MS irá se juntar aos Estados do Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Distrito Fe-



deral e, possivelmente, Espírito Santo, que fazem parte da nova proposta do País de apresentar um programa de verificação dessas condições para que, em 1999, estejam no circuito pecuário como “zona livre de febre aftosa com prática de vacinação”.

Quanto às exportações nacionais de carne, Meirelles afirma que não haverá perda, uma vez que o principal comprador de carne *in natura* do Brasil é a União Européia, que aprova sistematicamente a forma pela qual o País (inclusive o MS) faz o controle de seu produto. Mas alerta para um grande prejuízo caso não seja possível incluir o Estado do Mato Grosso do Sul no circuito de aprovação: “Apenas os estados reconhecidos como “zona livre” terão acesso aos mercados que hoje estão fechados a todas as áreas com aftosa”, explica. O secretário observa também que lá fora o ocorrido em Porto Murtinho foi visto simplesmente

como um acidente técnico. A atenção acabou revertendo positivamente para a eficiência da infra-estrutura brasileira no controle ao foco.

Aftosa nas Américas

A América Central, o Caribe e a América do Norte não registram casos da doença. Já na América do Sul, os países livres da aftosa há muito tempo e sem vacinação são o Chile, o Uruguai e, desde o ano passado, a Argentina e o Paraguai com vacinação. Para este ano, a expectativa é aprovar na Assembléia da Organização de Epizootias a erradicação nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A reunião, que será realizada em maio, no Escritório Internacional de Epizootias em Paris, tem como objetivo definir as regras para a defesa sanitária animal em todo o mundo. ♣

A febre aftosa é causada por um dos menores vírus encontrados na natureza (aflovírus) e sua disseminação é rápida. A doença ataca bovinos, cabras, ovelhas e suínos entre outros animais, mas raramente atinge o homem.

Febre é o primeiro sintoma. Logo surgem aftas na boca, gengiva, língua, cascos e úbere. As lesões impedem o boi de pastar e a queda de produção de leite na vaca pode chegar a 50%.

Para combater a moléstia duas medidas são básicas: vigilância sanitária extrema e vacinação uma vez por ano em todo o rebanho, duas vezes em animais com menos de dois anos e três vezes em animais com menos de seis meses, ou até obter uma imunidade conveniente.



Hotéis Continental



- Telefone: 051 241 3455 Fax: 051 238 5024
- Reservas gratuitas: 081 8009260
- Cerveja Vegetariana - Jello - Veggie - 77
- Rua: 1000 Porto Alegre RS
- E-Mail: psa@hotelscontinental.com.br

Os Grandes Negócios Começam Aqui!

O Continental Porto Alegre Hotel, quer participar dos seus negócios e do seu lazer!

Localizado na Capital do Rio Grande do Sul, próximo aos centros empresariais e comerciais de Porto Alegre, oferece, para seu conforto, 217 apartamentos equipados com ar condicionado, mini-bar, televisão a cores, canal de videocassete, antena parabólica, telefone, música ambiental, tomada para notebook, room service 24 horas, piscina ao ar livre, sala de fitness, lobby bar e um restaurante internacional, com um cardápio selecionado por verdadeiros mestres no assunto. Também oferece um completo centro de eventos, com toda a infraestrutura necessária para receber sua empresa.

O Continental Porto Alegre Hotel é a melhor alternativa para alguém como Você, que busca um atendimento de qualidade e completo.

*Em seus caminhos pelo Sul do Brasil,
exija conforto e lazer!*

Rede Continental de Hotéis, um bom motivo para retornar!

Produção Agrícola é garantida por nova legislação ambiental

Adequação de penas aos crimes ao meio ambiente proporcionará melhor desempenho para a atividade agrícola e pecuária no meio rural brasileiro.

Penalidades uniformes e com graduações adequadas, além de uma melhor definição das infrações. Essa é a essência da Lei 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, referente às sanções penais e administrativas aos denominados crimes ambientais. As mudanças realizadas em seu texto final, negociadas entre a Casa Civil da Presidência da República e a Frente Parlamentar da Agricultura, representada pelo deputado Valdir Colatto (PMDB-SC), relator da matéria em plenário, ratificou a viabilidade das atividades no campo e a continuidade da produção agrícola em escala no País. Dessa forma, o que se percebe é que as alterações sugeridas na votação do então Projeto de Lei nº 1164-E/91 pela Frente Parlamentar, com o apoio da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), impediram a consolidação de um código ambiental que inviabilizava a produção agropecuária, por consequência de penalidades inadequadas e até excessivas aplicadas aos proprietários rurais.

De acordo com o procurador-geral do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), Ubiracy Araújo, a nova legislação representa um enorme avanço quanto à proteção dos recursos naturais renováveis, além de ser um instrumento eficaz e eficiente com que os cidadãos, os órgãos ambientais e o Ministério Público passam a contar para a defesa de seus direitos. Ele exalta as suas qualidades, estabelecendo uma comparação da mesma com o Código de Defesa dos Direitos do



Consumidor e o Código Nacional de Trânsito: "Enquanto no primeiro tutelam-se as relações de consumo e, no segundo, fixa-se regras para motoristas, ciclistas e pedestres, a Lei de crimes ambientais é bem mais ampla, já que protege a todos os habitantes, sem exceção".

Membro fundador do IDPV (Instituto O Direito por um Planeta Verde) e do Ipanema (Instituto de Pesquisas Avançadas em Economia e Meio Ambiente), o procurador destaca que outro ponto de fundamental relevância é a questão da responsabilidade civil, administrativa e criminal, não só das pessoas físicas, mas também das jurídicas. Segundo ele, isso só passa a ser possível, a partir de

agora, pelo fato da incorporação de modernos mecanismos de substituição de penas privativas de liberdade por restritivas de direitos, o que corrige enormes equívocos que, anteriormente, havia na antiga legislação.

Ubiracy Araújo resalta que com a existência de uma norma sistematizada, as penalidades podem ser graduadas de maneira adequada. Ele explica esse novo quadro, lembrando que se uma pessoa matasse um tatu para se alimentar, esta cometeria um crime infiançável, enquanto que uma madeireira que desmatasse 100 hectares na Amazônia, seria passível de ser enquadrada em crime de contravenção. "Se considerarmos que para lavar uma multa tínhamos que tricotar uma verdadeira malha jurídica e, ainda assim, estávamos sujeitos à anulação dessa multa, avançamos muito. Agora, as tipificações estão reunidas de forma clara, cristalina e insofismável. Antigamente, as multas não passavam de R\$ 5 mil e, no momento, variam de R\$ 50 a R\$ 50 milhões. Condutas delituosas, que não tinham previsão específica e representavam prática corriqueira, passam a ser criminalizadas de forma objetiva", aponta.

Críticas

Apesar de seu pouco tempo de vigência, a nova legislação vem provocando divergências, principalmente entre os ambientalistas. Segundo o procurador-geral do Ibama, tais críticas tem sido feitas pela retirada de artigos que constavam do texto aprovado pelo Senado, e de supostos vetos, que teriam sido garantidos pelo Executivo para possibilitar a votação e aprovação do projeto de lei. "O projeto encaminhado pelo Executivo ao Congresso Nacional, em 1991, contemplava os anseios da época. Se considerarmos a data de apresentação, e que de lá pra cá a consciência ambiental cresceu em progressão geométrica, alavancada que foi pela ECO-92, pode-se até considerá-lo aquém das expectativas de

hoje. Mas não se pode negar que dessa iniciativa resultou o projeto ora aprovado, que é atual, moderno, avançado e abrangente."

Ubiracy Araújo faz questão de enfatizar que não se deve esperar uma mudança brusca dos praticantes dos crimes ambientais. Segundo ele, é preciso não se esquecer que a lei é apenas um instrumento de atuação, e que cabe à sociedade como um todo exercitá-la e implementá-la. "Há muito sabemos que

ela não é um fim em si mesma. Se fosse assim, nosso País ainda estaria coberto de Pau-Brasil."

O procurador salienta um aspecto que vem chamando a atenção desde o início dos trabalhos para o novo código: a insistência de algumas entidades e fundações ambientais em desqualificar a lei, sob o argumento que esta representava um retrocesso. Quanto a isso, ele faz a seguinte contestação: "Se eles são tão ardorosos defensores do meio ambiente, por

que então preferem ficar com a legislação anterior, a qual por sinal é ultrapassada em muitos pontos? Essa é grande interrogação." Sem fazer rodeios, Ubiracy Araújo afirma que essas críticas, feitas ao novo código, não estão baseadas em argumentos consistentes. Ele garante que, pior que isso, é o fato dessas avaliações estarem servindo apenas para apoiar o lobby dos grandes degradadores e poluidores, que preferem defender a situação existente anteriormente. ♡

Principais inovações na Lei de Crimes Ambientais

ANTES	DEPOIS
Leis esparsas, de difícil aplicação.	A legislação ambiental é consolidada: as penas tem uniformização e graduação adequadas e as infrações são claramente definidas
Pessoa jurídica não responsabilizada criminalmente	Define a responsabilidade da pessoa jurídica - inclusive a responsabilidade penal - e permite a responsabilização também da pessoa física autora ou co-autora da infração
Pessoa jurídica não tinha decretada liquidação quando cometia infração ambiental	Pode ter liquidação forçada no caso de ser criada e/ou utilizada para permitir, facilitar ou ocultar crime definido na lei. E seu patrimônio é transferido para o Patrimônio Penitenciário Nacional
Reparação do dano ambiental não extinguiu a punibilidade	A punição é extinta com apresentação de laudo que comprove a recuperação do dano ambiental
Impossibilidade de aplicação direta de pena restritiva de direito ou multa	A partir da constatação do dano ambiental, as penas alternativas ou a multa podem ser aplicadas imediatamente
Aplicação das penas alternativas era possível para crimes cuja pena privativa de liberdade fosse aplicada até dois anos	É possível substituir penas de prisão até quatro anos por penas alternativas, como a prestação de serviços à comunidade. A grande maioria das penas previstas na lei têm limite máximo de quatro anos
Destinação dos produtos e instrumentos da infração não era bem definido	Produto e subproduto da fauna e flora podem ser doados ou destruídos, e os instrumentos utilizados podem ser vendidos
Matar um animal da fauna silvestre, mesmo para se alimentar, era crime inafiançável	Matar animais continua sendo crime. No entanto para saciar a fome do agente ou da sua família, por ser nocivo o animal, ou se o mesmo estiver dizimando a lavoura, a lei discriminaliza o abate
Desmatamentos ilegais e outras infrações contra a flora eram considerados contravenção	O desmatamento não-autorizado agora é crime, além de ficar sujeito a pesadas multas
Comercialização, transporte e armazenamento de produtos e subprodutos florestais, punidos como contravenção	Comprar, vender, transportar, armazenar madeira, lenha ou carvão, sem licença da autoridade competente, sujeita o infrator a até um ano de prisão e multa
As multas, na maioria, eram fixadas através de instrumentos normativos passíveis de contestação judicial	A fixação e aplicação de multas têm a força da lei
A multa máxima por hectare, metro cúbico ou fração era de R\$ 5 mil	A multa administrativa varia de R\$ 50 a R\$ 50 milhões

ABC tem nova diretoria

Reunidos no dia 8 de maio, na sede da ABC - Associação Brasileira de Criadores, o novo Conselho Deliberativo elegeu nova diretoria.

Presidente

1º Vice-presidente

2º Vice-presidente

3º Vice-presidente

4º Vice-presidente

5º Vice-presidente

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior

Luis Alberto Moreira Ferreira

Edgardo Héctor Pérez

Mauricio Lima Verde Guimarães

Luiz Rondon Teixeira de Magalhães

Adriano Nunes Seixas

1º Secretário

2º Secretário

1º Tesoureiro

2º Tesoureiro

Jair Martineli

Eugênio Salgueiro Gomes

Luis Alberto Moreira Ferreira

Ney Soares Piegas

Conselho Deliberativo

Presidente

Vice-presidente

Nelson Luiz Baeta Neves

José Calil

Conselho Fiscal

Efetivos

Roberto Cano de Arruda

Gil de Souza Ramos

Henrique Meimberg

Suplentes

Custódio Cabral de Almeida

Fernando Euler Bueno

Vicente Martins Junior

Meirelles é o novo secretário de Agricultura



O novo secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, João Carlos Meirelles, tomou posse no dia 8 de abril no Palácio dos

Bandeirantes. Ele recebeu o cargo de Francisco Graziano, que, na oportunidade, fez um balanço das atividades desenvolvidas nos dois anos que esteve à frente da secretaria. Na oportunidade, destacou a reforma administrativa, os recursos obtidos para desenvolver programas de conservação do solo, como o Terra Amiga, lançado recentemente, a recuperação das empresas, como Codasp e Ceagesp, e de ter alcançado a marca de dois anos sem febre aftosa no Estado. A escolha de Meirelles pelo governador Mário Covas foi definida por Graziano como

“uma forma encontrada para demonstrar o apreço pela agricultura paulista”.

Em seguida, o novo secretário destacou a importância de São Paulo na economia brasileira, lembrou a contribuição que o Estado dá à safra nacional – 12% da produção de grãos e 30% de tudo o que se produz no País – e elogiou a gestão de Graziano. Ao encerrar, Meirelles concluiu: “Vou ser peão de culatra (aquele que vai atrás), para que cheguemos todos ao objetivo comum de conduzir a agricultura, por meio da secretaria, pelos caminhos da modernidade”.

Expocorte'98, e a pecuária de corte brasileira

Está tudo pronto para a realização da quarta edição da Expocorte, a maior exposição de bovinos de corte do País, que irá reunir cerca de 2 mil animais. O evento ocorre de 3 a 14 de junho, no Agrocentro de São Paulo, e deverá atrair cerca de 40 mil pessoas, entre empresários, criadores, técnicos e profissionais ligados diretamente à pecuária de corte. Atualmente, a atividade movimenta mais de R\$ 30 bilhões por ano ou 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB), com o abate anual de cerca de 28 milhões de animais e produção de 5,5 milhões de toneladas de carne.

Por causa dessa expressiva participação, a Expocorte '98 deve movimentar R\$ 5 milhões em negócios diretos durante as duas semanas de realização. Grande parte dessa receita deve se originar da comercialização de 350 bovinos de corte de alta qualidade que serão colocados à venda em 12 leilões. Outra presença marcante serão as 76 empresas de todos os segmentos da cadeia de produção de carne bovina – inseminação artificial, alimentação animal, saúde animal, equipamentos, informática, acessórios em geral, insumos agropecuários, serviços, implementos e máquinas. Também está confirmada a presença de aproximadamente 500 visitantes de países como Estados Unidos, Canadá, União Européia, Austrália e América Latina. ♣

60 anos das raças zebuínas

A 64ª Exposição Nacional de Gado Zebu e 5ª Internacional das Raças Zebuínas – Expozebu'98 – reuniu, de 30 de abril a 10 de maio, no Parque Fernando Costa, em Uberaba (MG), os mais importantes plantéis zebuínos do Brasil. Realizada pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), o tema da mostra foi a comemoração dos 60 anos de implantação do Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas pelo Ministério da Agricultura através da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (antecessora da ABCZ), como resultado do reconhecimento do trabalho, sacrifício e pioneirismo de Uberaba na importação, seleção e melhoramento das raças indianas introduzidas na cidade. Na oportunidade, foi lançado o livro *Zebu Brasileiro – 60 anos de Registro Genealógico*, de autoria de Rinaldo dos Santos, além de uma nova edição do

catálogo *Zebu Brasileiro – Produto Exportação*, criado e produzido pelo jornalista Marcos Rocha, com o patrocínio da ABCZ.

Como eventos paralelos foram promovidas a 9ª Exposição Nacional da Raça Tabapuã (em parceria com a ABCT) e a 5ª Feira do Comércio e da Indústria de Uberaba – Faciu (em parceria com a Associação Comercial e Industrial de Uberaba).

No total, a exposição contou com 1.322 animais inscritos. A raça Nelore, com 549 exemplares, totalizou 41,5% da feira. Já a Tabapuã obteve o maior registro de inscrições, desde sua primeira participação na Expozebu, em 1971, com 156 animais, apresentados por 25 expositores. Pela primeira vez, a ABCT promoveu o leilão de tabapuanistas. O torneio leiteiro apresentou 17 vacas, reunindo o potencial de leite das raças zebuínas. ♣

Puro-sangue Lusitano em leilão

O leilão Top Interagro, de cavalos Puro-sangue Lusitano, aconteceu no dia 18 de maio, às 20 horas, no Palace, em São Paulo. Com 32 lotes, a 10ª versão do evento ofereceu o que há de melhor da raça, tanto na qualidade individual dos animais como nos raros pedigrees de diferentes linhagens básicas da raça, o que possibilitou ampla escolha. Unindo o estilo tradicional com as inovações bem-sucedidas, foi apresentada uma grande oferta de fêmeas.

Neste ano, além de machos montados, foram colocados em duas pistas as éguas montadas e os potros e potras de futuro, num total de cinco machos e 11 fêmeas. Entre os machos, o destaque ficou para Oranor, medalha de prata com excelente temperamento. Já as fêmeas em evidência foram Garota II, uma matriz filha de Novilheiro, e Razia Interagro, potra de pista filha, de Emir (P. Caetano), que possui 75% de sangue Veiga e fator Negro para pelagem. ♣



Cavalos árabes em destaque

A 13ª versão do Leilão CF Invtational, um dos mais tradicionais leilões de cavalos árabes, estará acontecendo no dia 23, às 14 horas, no Red Eventos, em Jaguariúna-SP. Idealizado pelo Haras Capim Fino, o evento apresentará 50 lotes e promete reunir criadores do Brasil e do Exterior. Entre os destaques, estão Dominique APP, Campeã Júnior Interestadual'98; Happy Moon HCF, Campeã Potra InterCastelo'97; Yankee Fable FHP, Multi-Premiada; Yankee Flower's FHP, única Potranca de Ouro Bi-campeã Nacional Unânime pelos três juízes; Amanda HTL, Grande Campeã Centro-Brasileira'97; Padros Nantasha, Grande Campeã Nacional; dois filhos de Ali Jamaal super premiados: Calon Jamaal e Shiham Ali; e Ibsen, um filho do Campeão Nacional Americano AAF Kaset. Este ano, a campanha promocional do leilão está lançando outras estratégias de marketing. Além de malas diretas e assessoria de imprensa, será utilizada a Internet. ♣

lançamentos

Nova embalagem traz segurança



A Fort Dodge Saúde Animal, empresa da área veterinária, inova sua Linha de Pentabióticos com mudanças ousadas. Única associação de cinco antibióticos do mercado ganhou nova embalagem e a exclusiva ampola plástica inquebrável. Assim, a segurança na manipulação é mais uma vantagem para os pecuaristas. ♣

Aliados contra lesões



Os criadores brasileiros estão ganhando um aliado para reduzir lesões nas carcaças provocadas por vacinas. A Divisão de Saúde Animal da Pfizer traz ao Brasil a vacina Fortress 7, desenvolvida para superar os problemas de irritação da carne. O produto previne as clostridioses sem comprometer o desempenho do animal. ♣

Errata

1) A foto correspondente à matéria "Crioula, uma cultivar de alfafa adaptada às condições tropicais", da edição de abril da Revista dos Criadores é a que segue, e não as publicadas naquela edição.



2) Na matéria "Uma visão da caprinocultura na Nova Zelândia e na Austrália", da edição de abril, a legenda correta da foto da página 46 é "Cabras da raça Boer". Na página 47, a figura 4 mostra úbere de cabra neozelandesa, e a legenda correta da figura 5 é "Sala de ordenha". ♣

humor



Linha Inteligente de Endectocidas Injetáveis

LONGA AÇÃO

da Virbac

F. DIAS



Um novo conceito
em controlo parasitário
de bovinos:

Amplio espectro de ação
Formulação **Longa Ação** tanto
para a ivermectina
quanto para a abamectina

Produto integrado de avermectinas **Longa Ação**
em dois frascos de padrão internacional

• Sistema Sterimatic[®]
de esterilização de agulhas



Um exclusivo sistema que evita a transmissão de
infecções através de agulhas e reduz a ocorrência de
abscessos, que prejudicam o ganho de peso dos
animais e diminuem o valor comercial das carcaças.

Alberto de Zagottis, 635/655 - Sto. Amaro - CEP 04675-230 - São Paulo - SP

CENTRAL DE ATENDIMENTO
AO CONSUMIDOR
LIGACÃO GRATUITA
0800-136-533

virbac
Autoridade mundial em saúde animal



No Brasil há várias misturas que fazem sucesso.



Café com Leite é como Zebu com Holandês, sucesso nacional. A Pecplan ABS tem a fórmula certa para os produtores de leite: produtividade com rusticidade. Utilizar a melhor genética provada em cruzamentos, é obter animais adaptados e produtivos. É isto que o Brasil aprecia, serviço e ciência uma mistura de sucesso.

P E C P L A N A B S			
Petropolis Tel: (21) 343-6462 Rua São Sebastião 987 Cm. 2012 - 20120-100 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br
Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br
Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br
Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br
Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br	Carapicuíba-SP Tel: (11) 814-0222 - Fax: (11) 814-0665 e-mail: pecplanabs@pecplanabs.com.br

Administração
Av. Corifeu de Azevedo Marques, 500
Butantã - São Paulo-SP - Brasil - Cep. 05388-000
Telefone: (011) 816-4028 - Fax: (011) 270-1111

Internet
www.pecplanabs.com.br